



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LUCIANA PEREIRA TABOSA

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS DA LÍNGUA KAINGANG

Londrina
2006

LUCIANA PEREIRA TABOSA

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS DA LÍNGUA KAINGANG

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Ludoviko dos Santos.

Londrina
2006

LUCIANA PEREIRA TABOSA

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS DA LÍNGUA KAINGANG

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ludoviko dos Santos
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Dr^a. Lucy Seki
Universidade Estadual de Campinas

Prof^a. Dr^a. Vanderci Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 23 de março de 2006.

À minha família e ao Ricardo que muito me incentivaram na
realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha fonte de força e ter me abençoado ao permitir mais uma conquista.

Aos meus pais, José e Nair, por acreditarem em meus ideais.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ludoviko dos Santos, pela dedicação, amizade, incentivo, paciência e por toda a atenção prestada a mim ao orientar-me no estudo da língua kaingang desde a Graduação ao Mestrado.

Aos meus irmãos, Edemilcio, Nice, Cida, Lúcia, Ivone e Fátima, pelo apoio e motivação.

Ao meu noivo Ricardo que sempre se mostrou disposto a me ajudar a concretizar meus projetos.

Ao meu cunhado, Nelson, pelo apoio e sugestões oferecidas ao meu trabalho.

Aos informantes professores bilíngües da Escola Cacique Luís Pénky Pereira, pela acolhida, paciência e disponibilidade a mim dispensadas durante meu trabalho de campo.

Aos colegas do projeto de pesquisa “Elaboração de uma gramática pedagógica para a língua kaingang”, pelas importantes discussões e reflexões sobre a língua.

À CAPES, pela bolsa que permitiu o desenvolvimento de minhas atividades de pesquisa.

Aos professores e colegas do Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem e a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

TABOSA, Luciana Pereira. **Construções causativas da língua kaingang**. 2006. 88f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2006.

RESUMO

Este trabalho descreve as construções que participam da alternância causativa, construções formadas por redução de valência envolvendo o sujeito e a formação das construções causativas da língua kaingang. Tem como objetivos: abordar, de um ponto de vista descritivo, as orações formadas com verbos de alternância causativa e a formação das construções causativas; subsidiar a produção de material de fácil acesso a professores bilíngües das escolas indígenas do Norte do Paraná e contribuir com a descrição da língua kaingang. Para coleta de dados utiliza questionários constituídos de orações, em português, que apresentam as estruturas do objeto de análise. Tem como informantes os professores bilíngües da Escola Cacique Luís Pénky Pereira localizada na Terra Indígena Apucarantina. Aponta como principais resultados: a) não ocorre mudança na forma verbal nas construções formadas com verbos recíprocos e reflexivos; b) ocorre causativo morfológico nas construções que participam da alternância causativa; c) existem alguns exemplos de causativos lexicais; d) as construções causativas formadas de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos são exemplos de causativos analíticos.

Palavras chave: Kaingang. Verbo. Causatividade

TABOSA, Luciana Pereira. **Causative constructions of kaingang language**. 2006. 88f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2006.

ABSTRACT

This work describes the constructions that participate of the causative alternation, that constructions formed by valence reduction involving the subject and the formation of the causative constructions of the language kaingang. It has as objective: to approach, from a descriptive point of view, the conjuncts formed with verbs of causative alternation and the formation of the causative constructions; to make possible material of easy access to bilingual teachers of the aboriginal schools in northern Paraná state and to contribute with the description of the language kaingang. For data collecting it uses questionnaires consisting of sentences in Portuguese that present the structures of the analysis object. It has as informing people the bilingual teachers of the Chieftain Luís Penky Pereira School, located in the aboriginal land called Apucarantina. It points as main results: a) change in the verbal form in the constructions formed with reciprocal and reflective verbs does not occur; b) occurs morphologic causative in the constructions that participate of the causative alternation; c) some examples of lexical causative exist; d) the formed causative constructions of intransitive, monotransitive and ditransitive verbs are examples of analytical causative.

Keywords: Kaingang. Verb. Causativity

LISTA DE ABREVIATURAS

AC -	Acusativo
AG -	Agente
caus. -	Causativo
fem. -	Feminino
ind. erg. -	Indicador de ergativo
ms -	Marcador de sujeito
NOM -	Nominativo
OD -	Objeto direto
OI -	Objeto indireto
Pas. -	Passado
p.p. 1ª p. -	Pronome possessivo de 1ª pessoa
reflex. -	Reflexivo
sing. -	Singular
SUJ. -	Sujeito
? -	Não se tem certeza quanto à tradução

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 KAINGANG: TERRAS INDÍGENAS E ORGANIZAÇÃO SOCIAL	14
2.1 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA	14
2.2 CARACTERÍSTICA DO GRUPO INDÍGENA DA TERRA INDÍGENA APUCARANINHA	14
2.2.1 Informações sobre a Escola Cacique Luís Pénky Pereira.....	16
2.3 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS KAINGANG	17
3 TRANSITIVIDADE	19
3.1 CONCEITO DE TRANSITIVIDADE.....	19
3.2 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS	22
3.3 VERBOS INTRANSITIVOS	24
3.3.1 Verbos Inergativos	24
3.3.2 Verbos Inacusativos	24
3.3.2.1Tipos de Verbos Inacusativos	28
3.3.2.1.1 Construções Inacusativas com Verbos de Mudança de Estado Devido à Causa Externa	28
3.3.2.1.1.1 Verbos de Alternância Causativa	29
4 VERBOS FORMADOS DE VERBOS COM MUDANÇA DE VALÊNCIA E FORMAÇÃO DO VERBO CAUSATIVO	33
4.1 VERBOS FORMADOS DE VERBOS COM MUDANÇA DE VALÊNCIA.....	33
4.1.1 Mudança de Valência Não Envolvendo o Sujeito	33
4.1.2 Mudança de Valência Envolvendo o Sujeito	34
4.1.2.1 Diminuição de Valência	34
4.1.2.1.1 Anticausativo	35
4.1.2.1.2 Recíproco	37
4.1.2.1.3 Reflexivo.....	38
4.1.2.2 Aumento de Valência	38
4.2 VERBOS CAUSATIVOS.....	39

4.2.1 Causativos Analíticos, Morfológicos e Lexicais	41
4.2.2 Argumentos “Causer” e “Causee”	45
4.2.3 Causativos Formados de Verbos Intransitivos	46
4.2.4 Causativos Formados de Verbos Monotransitivos	47
4.2.5 Causativos Formados de Verbos Ditransitivos	49
4.2.6 Verbos Causativos e Hierarquia de Caso.....	50
4.2.7 Causativos Formados de Intransitivos, Monotransitivos e Ditransitivos em Português	51
5 ANÁLISE	53
5.1 ESTUDOS DO NÍVEL MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA KAINGANG	53
5.2 ORDEM ORACIONAL DA LÍNGUA KAINGANG.....	55
5.3 MUDANÇA DE VALÊNCIA ENVOLVENDO O SUJEITO	56
5.3.1 Diminuição de Valência	56
5.3.1.1 Verbos de Alternância Causativa	56
5.3.1.1.1 Similaridade entre Construções Inacusativas e Passivas	65
5.3.1.2 Oração com Verbo Recíproco	67
5.3.1.3 Oração com Verbo Reflexivo.....	68
5.4 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS.....	70
5.4.1 Causativos Morfológicos, Analíticos e Lexicais em Kaingang	70
5.4.1.1 Causativos Formados de Verbos Intransitivos em Kaingang	72
5.4.1.2 Causativos Formados de Verbos Monotransitivos em Kaingang	74
5.4.1.3 Causativos Formados de Verbos Ditransitivos em Kaingang	77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho foi motivada pelo interesse despertado pela língua kaingang desde quando ingressei no Curso de Letras, mais precisamente nas aulas de lingüística teórica ministradas pelo professor Ludoviko dos Santos, nas quais, além dos conteúdos programáticos, tive a oportunidade de conhecer a importância de estudar as línguas indígenas tendo em vista que, no Brasil, existem cerca de 170 línguas e um reduzido número de pesquisadores que se dedicam a elas. Muitas ainda não foram objeto de pesquisa.

Falada por aproximadamente 25.000 pessoas distribuídas em mais de trinta Terras Indígenas nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a língua kaingang pertence à família lingüística Jê, do tronco Macro-Jê.

Durante a graduação, participei do projeto “Abordagem do Nível Morfosintático da Língua Kaingang sob o Ponto de Vista do Funcionalismo Givoniano” (SANTOS e PONTES, 1997) do qual fui bolsista de iniciação científica nos anos de 98 e 99.

O projeto contava, no início, com aproximadamente 20 alunos, depois este número foi se reduzindo devido à falta de interesse, dificuldades na leitura dos textos teóricos e falta de disponibilidade para viajar até a Terra Indígena para coleta de dados. Porém, meu interesse pela língua aumentava a cada reunião do projeto e a cada visita à Terra Indígena Apucarantina onde tive a oportunidade de entrar em contato com a realidade escolar e com os professores bilíngües. Lá pude constatar a importância e a necessidade de pesquisar a língua kaingang de maneira que favorecesse a elaboração de material para a consulta dos professores.

Minha pesquisa, realizada durante os anos em que participei do projeto, resultou no trabalho “Orações simples da língua kaingang” apresentado no XIII CELLIP – Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná.

Durante o projeto senti dificuldade em lidar com a categoria dos determinantes que resultou em motivação para elaborar a minha monografia denominada “Descrição Preliminar dos Pronomes Possessivos da Língua Kaingang” (TABOSA, 2002) para o curso de Especialização em Língua Portuguesa. A princípio, meu objetivo era descrever todos os pronomes da língua kaingang, mas, devido ao

curto período do curso, tive que me restringir apenas à descrição dos pronomes possessivos. Ao analisar os dados coletados, constatei uma mudança da forma verbal em orações transitivas e intransitivas que chamou a minha atenção; na época, não me aprofundei porque não era objeto da pesquisa. Interessada em investigá-la, resolvi analisar a variação do verbo em minha dissertação de Mestrado.

Tendo como base a pesquisa desenvolvida durante a Especialização e Mestrado, elaborei os seguintes artigos: “Variação das formas do plural e do singular nos verbos do kaingang” (TABOSA, 2004), apresentado no II Encontro Científico do Curso de Letras – O Desafio das Letras; “Descrição preliminar dos pronomes possessivos da língua kaingang” (TABOSA, 2004), apresentado no IV Selisigno – Seminário de Estudos sobre Linguagem e Significação e IV Simpósio de Leitura da UEL; “Variação da forma verbal na língua kaingang: causatividade” (TABOSA, 2005), apresentado no XVII Seminário do CELLIP e “Hipótese de causatividade na mudança da forma verbal na língua kaingang” (TABOSA, 2005), publicado na Revista Entretextos.

Os dois verbos utilizados nos dados da monografia - “quebrar” e “rasgar” - são verbos de alternância causativa e apresentam uma variante causativa transitiva e uma variante não causativa inacusativa. Para o presente trabalho, utilizei estes e outros verbos de alternância causativa, além de outros verbos que possibilitam a formação de orações causativas.

Os capítulos 3 e 4 referem-se à teoria pesquisada para fazer a descrição e análise das construções causativas da língua kaingang: o capítulo 3 versa sobre o conceito de transitividade e classificação dos verbos, com ênfase na definição dos verbos inacusativos e verbos de alternância causativa. Para discorrer sobre estes verbos, adotei, principalmente, os pressupostos teóricos de Duarte (2003); o capítulo 4 tem como principal fonte teórica Comrie (1976, 1985) e versa sobre a formação de verbos por diminuição de valência envolvendo o sujeito – anticausativos, recíprocos e reflexivos – e por aumento de valência envolvendo o sujeito – os verbos causativos. Com relação aos verbos anticausativos, pude estabelecer semelhanças entre o termo inacusativo apresentado por Duarte (2003) e o termo anticausativo apresentado por Comrie (1985) (cf. p 44-45). Apesar de estar consciente de que se trata de modelos teóricos diferentes, optei por usar esses autores porque são os que apresentam de forma mais clara os problemas envolvidos na causatividade.

Quanto à formação das orações causativas, pude perceber que a causatividade é um fenômeno que pode ser expresso de maneiras diferentes de uma língua para outra, umas utilizam procedimentos morfológicos, outras sintáticos, enquanto outras utilizam procedimentos lexicais. Há também línguas que utilizam mais de um processo.

Baseada na teoria da Comrie (1976, 1985) sobre as orações causativas formadas de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos, minha hipótese é a de que a língua kaingang apresente causativo morfológico.

Antes de apresentar o referencial teórico, no capítulo 2, fiz algumas breves considerações sobre as Terras Indígenas kaingang, dando ênfase à Terra Indígena Apucarantina onde realizei a coleta de dados. Também apresentei, neste capítulo, a organização social dos kaingang ressaltando sua influência na língua.

Os objetivos que pretendo alcançar com a realização deste trabalho são: abordar, de um ponto de vista descritivo, as orações formadas com verbos de alternância causativa e a formação das construções causativas da língua kaingang; subsidiar a produção de material de fácil acesso a professores bilíngües das escolas indígenas do Norte do Paraná e contribuir com a descrição da língua kaingang. Estes objetivos estão relacionados com o projeto de pesquisa/UEL do qual faço parte atualmente: “Elaboração de uma gramática pedagógica para a língua kaingang”, coordenado por Ludoviko dos Santos e financiado pela Fundação Araucária.

Realizei a coleta de dados na Escola Cacique Luís Pénky Pereira situada à Terra Indígena Apucarantina durante um período de aproximadamente cinco meses. Os informantes foram os professores bilíngües Manoel Norég Mág Felisbino, Pedro Kagre Kág Cândido de Almeida, Jorge Rir de Almeida e João Santos de Oliveira (todos indígenas). Nas reuniões para coleta, contei também com a colaboração dos professores Jandira Grisãnh Felisbino, Rosângela Maria Santana e Rosenês Aparecida Tomarozzi Carvalho.

Segundo Santos (1997), a coleta de dados deve ser realizada de maneira que proporcione uma interação entre o trabalho do lingüista e o trabalho do informante. Assim como o lingüista aprende coletando dados, o informante também deve aprender a respeito de sua língua ponte (no caso, o português). Como na realização deste trabalho tive o privilégio de trabalhar com informantes professores bilíngües, tornou-se indispensável que, durante as sessões para coleta de dados,

fosse explicado qual fenômeno lingüístico se busca na língua em análise e qual seu correspondente em português. Procedendo dessa forma, acredito que posso contribuir com os professores bilingües instrumentalizando-os no que diz respeito à relação entre o português e o kaingang favorecendo assim, o ensino na escola da Terra Indígena Apucarantina.

O relacionamento com os informantes foi agradável e procurei coletar os dados de maneira contextualizada, pois acredito que:

O papel do informante não se limita, necessariamente, a ser um fornecedor de dados habilmente elicitados pelo pesquisador, o que caracteriza uma interação como algo mais abrangente, isto é, o informante deve ser um interlocutor ativo no sentido de haver uma troca de informações úteis não só para o pesquisador, mas também para o informante, levando-o a não apenas falar sua língua mas também a falar sobre ela. (SANTOS, 1997, p. 21)

A coleta dos dados seguiu os passos abaixo:

1) Elaboração de orações formadas por diminuição de valência envolvendo o sujeito, orações com verbos de alternância causativa e orações causativas formadas de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos em português.¹

2) Elicitação dos dados.

Para coletar os dados, eu escrevia as orações em português no quadro e em seguida os informantes escreviam as orações correspondentes em kaingang. Ao analisar os dados, constatei que era necessário confirmar e testar algumas orações, para isso eu escrevia diretamente as orações em kaingang no quadro e perguntava para o informante se as mesmas estavam corretas ou não.

No capítulo da análise, os dados estão organizados em três linhas: na primeira, consta a descrição ortográfica da oração em kaingang, segundo Wiesemann; na segunda, apresentam-se as glosas das palavras e partículas e, na terceira, a tradução livre do exemplo.

¹ Estas orações correspondem à tradução livre das sentenças do kaingang no capítulo da análise.

2 KAINGANG: TERRAS INDÍGENAS E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Este capítulo tem como objetivos: a) situar as Terras Indígenas kaingang quanto à localização geográfica, com ênfase nas características da Terra Indígena Apucarantina e b) fazer uma breve abordagem sobre a organização social do povo kaingang tendo em vista que esta possui influência na língua.

A divisão do capítulo está feita da seguinte forma: a seção 2.1 situa as Terras Indígenas kaingang geograficamente; a seção 2.2 apresenta informações sobre a Terra Indígena Apucarantina, e a seção 2.3 discorre sobre a organização social dos kaingang.

2.1 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Os índios kaingang pertencem ao grupo Jê e estão distribuídos em mais de trinta Terras Indígenas nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No Paraná há 15 Terras Indígenas sendo que no Norte encontram-se as Terras Indígenas Apucarantina, Barão de Antonina e São Jerônimo da Serra. Fiz a coleta de dados com professores bilíngües do Apucarantina, por isso achei oportuno apresentar as principais características do grupo indígena desta T.I.²

2.2 CARACTERÍSTICAS DO GRUPO INDÍGENA DA TERRA INDÍGENA APUCARANTINA

Segundo relatório do Grupo Mĩg³ (1996), esta T.I. compreende aproximadamente 6.505 hectares e situa-se no distrito de Lerroville – Município de Tamarana entre os rios Apucarantina ao Norte, rio Apucarana ao Sul, rio Tibagi a Leste e, a Oeste, por trechos de pequenos rios, estradas, represas e propriedades

² T.I. corresponde à abreviatura de Terra Indígena.

³ Este grupo prestava assessoria pedagógica às Terras Indígenas do Norte do Paraná.

particulares. Conforme o censo de 1996, a população era de 794 kaingang, atualmente conta com aproximadamente 1500 indivíduos.

Nesta T. I. há uma escola, uma enfermaria, galpão para maquinários e implementos agrícolas, salão de festa, cadeia e duas igrejas: uma católica e outra do Cristianismo Decidido. Existem casas pré-fabricadas, de madeira e ranchos tradicionais.

O relatório informa que 80% da área de preservação do Município encontra-se nesta T. I. e que há uma usina hidrelétrica da COPEL que paga à comunidade uma renda anual sobre o uso da área abrangida pela usina.

A economia dos kaingang se baseia no artesanato, agricultura de subsistência, trabalho assalariado e criação de animais. A prática agrícola se faz por meio de roças comunitárias onde cada família planta para se sustentar. Cultivam arroz, feijão, milho, abóbora, batata doce, mandioca, etc. Há índios assalariados que são funcionários da FUNAI e das prefeituras que exercem funções de enfermeiros, técnicos e professores. Outra forma de assalariamento acontece nas épocas de roçado quando prestam serviços às fazendas da região. A criação de gado beneficia a comunidade por meio da distribuição de leite e de carne, inclusive para a realização da Festa do Dia do Indígena. Algumas famílias ainda criam porcos, galinhas ou patos para o consumo de carne e de ovos. Uma importante forma de obtenção de renda é o artesanato, principalmente balaios e cestos que são vendidos nas margens das rodovias ou nos centros urbanos.

Conforme aborda o relatório do Grupo M'ing, os índios elegem o cacique que escolhe o vice-cacique e as demais lideranças que o auxiliarão nas questões de interesse da comunidade como a organização de mutirões e a procura de soluções dos problemas da comunidade.

2.2.1 INFORMAÇÕES SOBRE A ESCOLA CACIQUE LUÍS PÉNKY PEREIRA

A coleta de dados deste trabalho realizou-se na Escola Cacique Luís Pénky Pereira. De acordo com o Grupo Mĩg:

A escola antes denominada Xavier da Silva foi instalada por volta de 1970. Mas é somente em 30/11/82 através da resolução nº 3.221/82 da SEED que a escola denominada 'Cacique Luís Pénky Pereira' recebeu autorização de funcionamento. Esse nome foi escolhido em homenagem ao cacique que comandou a área por 37 anos. Funcionava nos moldes das escolas tradicionais fazendo com que a criança kaingang falante de sua própria língua tivesse que aprender a ler e escrever em português com uma professora não-indígena tão logo chegasse à escola. O aprendizado de sua língua materna estava restrito ao ensino Pré-Escolar. (p. 32)

Em 1988, o sistema de ensino alterou-se devido ao trabalho conjunto UEL-FUNAI e Grupo Mĩg. A proposta de reorganização do ensino indígena

elucida a tentativa de formalização e reconhecimento pelo Estado de uma educação escolar indígena específica, diferenciada, intercultural e bilíngüe encaminhada pela programadora educacional da FUNAI Inelci Deitos Aco, membro integrante do grupo Mĩg. (p. 33)

De acordo com o relato do professor bilíngüe Manoel Norég Mág Felisbino, antes desta alteração, o primeiro ano era ensinado em kaingang, a partir do segundo ano o ensino era feito em português com professor não indígena que alfabetizava os alunos novamente. Segundo Silva (1996), atualmente o ensino está organizado da seguinte maneira: na pré-escola e na primeira série, o ensino ocorre somente em kaingang, depois há um período de transição no qual a língua falada é o português e a escrita continua sendo o kaingang, na terceira e quarta séries o ensino ocorre quase que exclusivamente na língua portuguesa com apenas uma hora dedicada ao estudo da língua kaingang.

De acordo com esta autora, a alfabetização na língua materna é mais produtiva porque as crianças já dominam seu sistema fonológico, só precisam associar o som à forma gráfica correspondente. As crianças alfabetizadas na língua

kaingang apresentam dificuldades para aprender o português porque o sistema fonológico é diferente e apresentam maior dificuldade na fase de transição porque algumas letras usadas em kaingang não possuem correspondência em português e vice-versa.

Em 1993, o prédio da escola passou por uma reforma e a nova estrutura conta com 1 refeitório e cozinha, uma sala de estudos, uma sala de ensino pré-escolar, uma sala de alfabetização (fase I e II) e uma sala de transição (3ª e 4ª séries). A escola funciona em dois turnos, somente a 3ª e 4ª séries são agrupadas. O quadro docente é constituído por três professores não indígenas e sete indígenas.

2.3 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS KAINGANG

Em sua dissertação de Mestrado, Veiga (1994) elaborou uma revisão bibliográfica crítica sobre a organização social dos kaingang. Segundo a autora, “O aspecto fundamental da organização social dos kaingang é a divisão nas metades exogâmicas **KAMÉ** e **KAÏRU**, que se opõem e se complementam [...]” (VEIGA, 1994, p. 58, grifo da autora).

A metade **KAMÉ** está relacionada ao Oeste e utiliza pintura facial com motivos compridos e a metade **KAÏRU** está relacionada ao Leste, sua pintura facial caracteriza-se por motivos redondos. Conforme expõe Veiga, cada metade comporta duas seções: a metade **KAMÉ** comporta as seções Kamé e Wonhétky e a metade **KAÏRU** comporta as seções Kaïru e Votor. A filiação a uma metade e seção é definida patrilateralmente: “os filhos, de ambos os sexos, pertencem à metade e seção de seu pai, esse procedimento contínuo através das gerações estabelece o caráter patrilinear da sociedade kaingang”. (VEIGA, 1994, p. 59).

Conforme relata Nimuendaju (1913), as metades são homônimas dos heróis míticos:

A tradição dos kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão (...) Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome **Kañerú** e **Kamé**, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que **Kañerú** e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. **Kamé** e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. (apud VEIGA, 1994, p. 59-60, grifo do autor)

Veiga expõe que os seres e objetos do mundo natural, com exceção da terra, do céu da água e do fogo, relacionam-se a estas metades de acordo com a aparência que tenham para os kaingang: se são considerados “redondos” classificam-se como Kaĩru (rôr) e se são considerados “compridos”, como Kamé (tér). Nimuendajú (1913) discorre sobre este fato:

Todos ainda manifestam sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta [pintura]. O que pertence ao clã **Kañeru** é malhado, o que pertence ao clã **kamé** é riscado. O kaingang reconhece essas pintas tanto no couro dos animais como nas penas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas, ou na madeira das plantas. Das duas qualidades da onça pintada, o acanguçu é **kañeru**, o fagnareté (sic) é **Kamé**. A piava é **Kañeru**, e por isso ela vai também adiante na piracema. O dourado é **kamé**. O pinheiro é **Kañeru**, o cedro é **Kamé**, etc. (apud VEIGA, 1994, p. 60-61, grifo do autor)

As duas metades possuem caráter clânico o que define as regras do casamento. É possível verificar também influência destas metades na língua: os substantivos têm uma subclassificação, ou seja, subst./subclasse redondo e subst./subclasse comprido. A concordância de número se realiza apenas entre os substantivos subclassificados como redondos. Para maiores detalhes deve ser consultado o trabalho de Almeida e Santos(2005) “A concordância de número em kaingang”.

3 TRANSITIVIDADE

Os objetivos deste capítulo são: a) fazer uma abordagem sobre a definição de transitividade de acordo com uma concepção formal e nocional e b) discorrer sobre a classificação dos verbos, com atenção especial dada aos verbos inacusativos e verbos de alternância causativa.

O capítulo está assim dividido: na seção 3.1, apresento a definição de transitividade; na seção 3.2, a abordagem de alguns autores sobre a classificação dos verbos e na seção 3.3, os tipos de verbos intransitivos com destaque dado aos verbos inacusativos e de alternância causativa.

Na elaboração do capítulo segui a abordagem teórica de Lyons (1979), Vilela (1992), Campos (1999), Mendikoetxea (1999), e Duarte (2003).

3.1 CONCEITO DE TRANSITIVIDADE

De acordo com Lyons, “A concepção ‘nocional’ tradicional de transitividade e o termo em si sugerem que o efeito da ação expressa pelo verbo ‘passa’ do ‘agente’ (ou ‘ator’), para o ‘paciente’ (ou ‘meta’)”. (LYONS, 1979, p. 370)

O autor, porém, ressalta a impropriedade dessa definição “nocional” de transitividade com relação a muitas frases. Se a definição diz que o efeito da ação passa do agente para o paciente, nem todos os verbos transitivos correspondem a esse conceito, como, por exemplo, o verbo “ouvir” na frase “Eu o ouço” na qual a ação é em sentido contrário.

Segundo o autor, essa crítica feita sobre a noção tradicional de transitividade é, dentro dos seus limites, exata. Porém é preciso ter cautela, ele ressalta, ao se ao se traçar a distinção entre definição “formal” e “nocional”. O fato de a definição semântica ou “nocional” ser aplicável à maioria dos verbos de dois lugares é suficiente para que toda essa classe de verbos seja chamada “transitiva”, embora

[...]a classe dos verbos sintaticamente transitivos incluía, sem dúvida, muitos outros, no inglês ou noutras línguas, que não se refiram a ações cujos efeitos ‘passam’ de um ‘ator’ para uma ‘meta’, não deixa de ser verdade que o conceito ‘nocional’ tradicional de transitividade seja claramente aplicável à maioria dos verbos transitivos, do ponto de vista sintático, ou ‘formal’.” (LYONS, 1979. p.370-371)

Campos (1999) também esclarece que a definição de que a ação passa ao complemento é insuficiente para definir verbo transitivo. O autor apresenta um histórico de todas as definições de transitividade. Segundo ele, nas gramáticas latinas, orações transitivas eram aquelas que podiam passar de ativas a passivas. Esta definição é adotada pelas gramáticas descritivas tradicionais. As gramáticas com base escolástica definem verbo transitivo como aquele capaz de passar sua ação ao complemento. O autor também ressalta que na lingüística estrutural há poucos estudos sobre transitividade. Em seguida, Campos apresenta os postulados de Hjelmslev (1972), Tesnière (1966: 103), Bello (1847) e RAE (1931). Estes autores afirmam que o verbo determina o complemento que rege, portanto esta definição se refere à noção de regência:

Esta propuesta se elabora en Tesnière 1966: 103, donde se proponen dos planos lingüísticos: un plano de conexiones estructurales y outro de conexiones semánticas. En el plano sintáctico, el verbo es el elemento regente del cual dependen los complementos subordinados. En el plano semántico, el verbo es el determinado y el sustantivo-objeto viene a completar su significado, de allí el término de ‘complemento’. Verbo transitivo, entonces, es aquel que tiene la capacidad de aparecer con un complemento directo, el cual está regido por el verbo y el cual completa el significado del verbo.” (CAMPOS, 1999, p. 1521)

Por último, o autor apresenta a definição da gramática gerativa que trabalha com a noção de domínio. Segundo Campos, Chomsky (1965: 71) define o complemento direto como a relação entre o sintagma nominal e o verbo dentro do sintagma verbal no qual o complemento direto é o constituinte dominado pelo sintagma verbal, já o sujeito é definido como o sintagma nominal dominado pelo nóculo “O” (oração).

Ao discorrer sobre o conceito de transitividade, Vilela (1992) diz que, nas múltiplas definições de transitivo e intransitivo, há traços recorrentes e o que mais insistentemente surge

é o que aponta para a existência de um complemento, a que nas gramáticas de língua portuguesa se chama ‘complemento directo’ (verbos transitivos directos), ‘complemento indirecto’ (verbos transitivos indirectos), ou os dois simultaneamente (transitivos directos e indirectos).” (VILELA, 1992, p. 48).

Um outro traço ressaltado considera transitivos apenas os verbos cujos complementos directos são capazes de ser promovidos a sujeitos na passiva, o que leva à exclusão de alguns grupos de verbos. Outros critérios, segundo Vilela, apontam ou para traços semânticos como a presença de ‘paciente’, ‘resultativo’ e ‘objeto afetado’ ou para traços sintáticos, como ‘objeto/argumento interno’, etc. “No fundo, há a intenção de definir por meio de traços semanto-sintáticos (sic) as funções que os termos assumem na frase.” (VILELA, 1992, p.48).

Assim, o autor define como transitivo todo verbo que tenha um ou mais complementos, obrigatórios ou facultativos, e a transitividade como algo que é graduável, “em que os traços fundamentais são a qualidade semântica do lexema verbal, a existência de um complemento direto, a capacidade de passivização e a chamada ergatividade”. (VILELA, 1992, p.50).

Vilela distingue entre uma ‘transitividade forte’ e uma ‘transitividade fraca’ com o seguinte quadro:

Transitividade forte	Transitividade fraca
dois ou mais complementos	um complemento
presença de acção	ausência de acção
presença de direccionalidade	ausência de direccionalidade
Intencional	não intencional
agente capaz de acção	agente não activo
objecto totalmente afectado	objecto não afectado
objecto (bem) individuado	objecto não individuado

(VILELA, 1992, p.50)

Para o autor uma frase será mais transitiva quanto mais traços de transitividade forte apresentar. O traço ‘número de actantes’ não tem qualquer valor superordenado relativamente aos critérios restantes: uma frase com apenas um actante pode ser (+ transitiva) do que outra com dois complementos. A oração “Suzana come” (VILELA, 1992, p. 51) apresenta o traço (+ tr.) em relação à oração “O Alberto ama as crianças” (VILELA, 1992, p. 51) que apresenta o traço (- tr.) porque o sujeito de ‘amar’ é mais o centro psicológico da ação do que propriamente o centro da ação.

Diversos autores trabalham com a classificação dos verbos. Alguns, como Lyons (1979), enfatizam mais o carácter formal da classificação, outros abordam tanto a noção formal como nocional. Abaixo segue a abordagem de alguns autores sobre a classificação de verbos.

3.2 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Lyons (1979) trabalha a classificação dos verbos de acordo com o número de expressões nominais com que se combinam nos núcleos de frases. Assim, verbos de apenas um lugar, ou seja, verbos que exigem apenas uma expressão nominal, como “morrer”, são chamados de intransitivos. Um verbo que apresenta dois lugares, sendo um deles preenchido pelo sujeito e o outro pelo objeto, são chamados de transitivos, como por exemplo, o verbo “matar”. Também são verbos transitivos aqueles de três lugares, ocupados por um sujeito, um objeto direto e um objeto indireto ou locativo direcional.

Mendikoetxea (1999) argumenta que a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo é algo intrínseco a seu significado e independente do uso concreto desse verbo com ou sem complemento. Segundo a autora, é necessário atender a critérios semânticos e sintáticos para definir um verbo transitivo e um intransitivo. Assim, ela define como transitivos os verbos que denotam um estado ou evento que requer a existência de dois participantes ou argumentos. Nas orações ativas, um dos participantes se realiza como sujeito (argumento sujeito) e o outro como complemento do verbo (argumento objeto). O argumento sujeito pode ser um experimentante ou agente e o argumento objeto é paciente ou tema. O verbo

intransitivo é aquele que denota uma atividade ou evento que requer semanticamente somente um argumento. Este argumento se realiza sintaticamente como sujeito da predicação e pode ser agente ou paciente. Esta distinção é crucial para diferenciar as duas classes de verbos intransitivos que será apresentada no decorrer deste capítulo.

Vilela (1992) argumenta que qualquer classificação dos verbos pressupõe uma teoria, determinados critérios e um método. Conforme o autor, para analisar as classificações existentes nos seus pontos de partida, método e resultados, é necessário considerar vários aspectos:

- 1) o grau de universalidade da classificação (se todos os verbos ou apenas grupos de verbos); 2) a base de classificação (se a morfologia, a sintaxe, a semântica ou a pragmática); 3) se as classificações propostas são apenas ponto de partida (isto é, não passam de propostas), ou se são também pontos de chegada (isto é, se efectivamente se produziram listagens de verbos com a respectiva classificação); 4) se a finalidade da classificação é o levantamento de classes, ou a procura de subclasses no interior das classes tradicionais. (VILELA, 1992, p. 3-4).

Dessa forma, o autor distingue quatro classificações: classificações (fundamentalmente) sintáticas, classificações (fundamentalmente) semânticas, classificações sintático-semânticas e classificações (fundamentalmente) pragmáticas.

De acordo com Duarte (2003), os verbos distinguem-se em três grandes subclasses “com base nas propriedades de seleção categorial e semântica de cada item lexical verbal: a subclasse dos verbos **principais**, a subclasse dos verbos **copulativos** e a subclasse dos verbos **auxiliares**. (DUARTE, 2003, p. 296 – 297, grifo da autora).

Pertencem à subclasse dos verbos principais os verbos ditransitivos, verbos transitivos de três lugares, verbos transitivos-predicativos, verbos transitivos, verbos de dois lugares com um argumento interno objeto indireto, verbos de dois lugares com um argumento interno oblíquo, verbos inergativos, verbos inacusativos, verbos de zero lugares e verbos de alternância.

É interessante destacar que as gramáticas tradicionais geralmente classificam os verbos principais como transitivos, bitransitivos e intransitivos sem

especificar que os últimos são subdivididos em inergativos e inacusativos. Apresento abaixo a definição destes verbos tendo em vista que um dos pontos abordados na análise é a descrição dos verbos de alternância causativa que se caracterizam por exibirem duas variantes: uma causativa transitiva e uma não causativa inacusativa.

3.3 VERBOS INTRANSITIVOS

3.3.1 Verbos inergativos

Duarte (2003) define-os como verbos de um lugar que selecionam um argumento externo com a relação gramatical de sujeito. Segundo a autora, estes são os verdadeiros verbos intransitivos. Exemplos:

- (1) “a. [O bebé]_{SU} *espirrou*.
 b. [As crianças]_{SU} *dormem*. (p. 300)⁴

A autora apresenta a seguinte lista exemplificada de verbos inergativos: andar, assobiar, chorar, correr, dançar, dormir, espirrar, rir, sorrir, suspirar, tossir, trabalhar, voar.

3.3.2 Verbos inacusativos

Conforme pontua Duarte (2003), “os verbos **inacusativos** ou ergativos, considerados intransitivos na tradição gramatical luso-brasileira, são verbos de um lugar [...] que selecionam um argumento interno que ocorre com a relação gramatical de sujeito”.(DUARTE, 2003, p. 300, grifo da autora). Exemplos:

⁴ Como os exemplos de (1) a (21) foram todos retirados de Duarte (2003), citei apenas a página ao final de cada exemplo.

- (2) a. [As rosas]_{SU} já *floriram*.
 b. [O chefe local do cartel da droga]_{SU} *morreu*. (p. 300)

Outros verbos inacusativos citados pela autora são: acontecer, florir, adormecer, aparecer, cair, crescer, desmaiar, desaparecer, murchar, nascer e ocorrer.

A diferença entre verbos inergativos e inacusativos tem por base o fato de o argumento dos verbos inergativos ter propriedades típicas de sujeito, enquanto o argumento dos inacusativos exhibe tanto propriedades de sujeito como de objeto direto. Os verbos inergativos exprimem atividades ou processos que dependem da vontade de um agente, já os inacusativos, exprimem estados ou eventos não agentivos. A respeito desta distinção pontua Mendikoetxea:

Los agentes se realizan sintácticamente y de un modo uniforme como sujetos de la oración tanto con verbos transitivos (activos) como con verbos inergativos. Los temas o pacientes se realizan como objetos de los verbos transitivos (activos) y como sujetos de algunos verbos intransitivos, los que hemos denominado 'inacusativos'. Por lo tanto, los verbos inacusativos comparten propiedades de los verbos transitivos y los inergativos: como los inergativos están asociados a un solo argumento, pero ese único argumento se interpreta como el objeto lógico o semántico del verbo transitivo: es un objeto nocional, a pesar de ser un sujeto sintáctico, en contraposición con el único argumento de un verbo intransitivo inergativo que es la vez sujeto nocional y sujeto sintáctico. (1999, p. 1579)

Conforme apresenta Duarte (2003), Perlmutter (1978) foi quem primeiramente discorreu sobre a distinção entre verbo inergativo e inacusativo ao formular a Hipótese Inacusativa, Burzio (1986) incorporou-a na Teoria de Regência e Ligação. Em português, Raposo (1981) aplicou-a no quadro da Gramática Relacional e Levin e Rappaport Hovav (1995) aplicaram-na ao inglês.

É necessário enfatizar a diferença entre ergatividade verbal e caso ergativo. Ao definir verbo inacusativo, Duarte (2003) emprega também o termo ergativo, como se pode notar no início desta seção e, em nota, enfatiza que Burzio (1986) chamou os verbos inacusativos de ergativos, uma designação enganadora, que segundo a autora, uma vez que, no sistema casual ergativo-absolutivo, "o caso

ergativo é reservado ao argumento externo dos verbos transitivos e dos verbos inergativos, enquanto o objeto direto dos verbos transitivos e o sujeito dos inacusativos é marcado com caso absolutivo”.(DUARTE, 2003, p. 510).

Ao abordar os verbos inacusativos, Vilela (1992) define-os como verbos que apresentam um sujeito paciente ressaltando que surgiu na Gramática Gerativa a idéia de designar como verbos ergativos “os verbos que não apresentam ‘caso’ objecto, e como apresentam um lugar vazio para o sujeito, o ‘filtro’ de caso envia para esse lugar o ‘objecto’, que ocorre não marcado (quanto ao caso)”.(p. 52). Porém, assim como Duarte, o autor também discorda do uso do termo ergativo e, em nota, pontua que

A designação ‘verbo ergativo’ parece-me ser equívoca: pois ‘ergativo’, nas chamadas ‘línguas ergativas’, designa, normalmente, um ‘agente’, e nos verbos aqui designados como ‘ergativos’ não há qualquer agente’. A aceitar-se a designação ‘ergativo’, nestes casos, só poderá compreender-se pelo facto de aqui se atribuir ao ‘paciente’ o papel central da frase, codificando-se o ‘paciente’ como ‘sujeito’, o que é típico das línguas ergativas. O exemplo comumente apresentado na distinção entre ergativo e não ergativo é:

Mihi factum est: ergativo

Habeo factum: acusativo.

O sujeito permanece, mas não como tal, e é o acusativo que passa a dominar a concordância:

A criança rompeu as calças

Romperam-se as calças *à/da criança*

O ‘ergativo’ não é culpado: é apenas o ‘afetado’ pelo processo (trata-se de um ‘afectado passivo’). É o chamado ‘dativus auctoris’ dos clássicos, ou a (CAUSE) da moderna teorização. Não há qualquer intencionalidade. (VILELA, 1992, p. 52)

Após ressaltar que o argumento do verbo inergativo tem propriedades típicas de sujeito e o argumento do inacusativo exibe tanto propriedades de objeto direto como de sujeito, Duarte (2003) apresenta mais três características que os diferenciam: (a) Construção de participio absoluto; (b) Posição predicativa e atributiva e (c) Nominalização em *–or*.

a) Construção de participio absoluto: à semelhança do argumento externo dos verbos transitivos, o sujeito do verbo inergativo não admite esta construção:

(3) “* *Trabalhado* [o João] vs. [o João] *trabalha*”.(p. 301)

O sujeito final do verbo inacusativo, assim como o argumento interno direto do verbo transitivo admite-a:

(4) “*Chegado* [o João] vs. [o João] *chegou*”.(p. 301)

b) Posição predicativa e atributiva: as formas participiais de verbos inergativos não podem ocorrer nem em posição predicativa (cf. (5 a)) nem em posição atributiva (cf. (5b)), enquanto que as formas participiais dos inacusativos podem (cf. (6 a) e (6b)):

(5) a. “*O rapaz [está *rido*]_{PRED.}

b. “*[O rapaz *rido*] é nosso amigo. (p. 301)

(6) a. “A janela [está *fechada*]_{PRED.}

b. [A janela *fechada*] está empenhada. (p. 301)

c) Nominalização em *-or*: os verbos inergativos, à semelhança dos verbos transitivos, admitem nominalizações em *-or* (cf. (7 a, b)), enquanto que os verbos inacusativos não admitem (cf. (8)):

(7) a. “correr ⇒ corredor

trabalhar ⇒ trabalhador

b. construir ⇒ construtor

informar ⇒ informador

(8) cair ⇒ caidor

desmaiar ⇒ desmaiador

nascer ⇒ nascedor” (p. 301)

3.3.2.1 Tipos de Verbos Inacusativos

Os verbos inacusativos não formam uma classe semântica uniforme. Duarte aponta a existência de duas subclasses: (a) verbos de mudança de estado, como arder e nascer, e de movimento, como ir e vir, e (b) verbos de existência e aparição, como existir, aparecer e acontecer. Segundo Mendikoetxea (1999), esta divisão foi feita por Levin e Rappaport Hovav (1995). Apresento neste capítulo apenas as construções referentes à classe de mudança de estado devido ao fato destas constituírem o meu corpus.

3.3.2.1.1 Construções Inacusativas com Verbos de Mudança de Estado devido à Causa Externa

Duarte (2003) esclarece que há dois tipos de verbos inacusativos de mudança de estado: (a) os que exprimem mudança de estado com causa externa e (b) os que exprimem mudança de estado com causa interna. Como os verbos que optei por analisar em kaingang encaixam-se na classe de causatividade externa, não abordarei as características dos verbos de causatividade interna.

Entre os verbos que exprimem mudança de estado com causa externa estão:

(i) aqueles em que a mudança de estado afecta a solidez ou rigidez do objecto (*e.g.*, *fracturar*, *rasgar*, *romper*); (ii) aqueles que exprimem a forma como a mudança de estado deteriora ou destrói o objecto (*e.g.*, *apodrecer*, *atrofiar*, *queimar*); (iii) aqueles em que a mudança de estado afecta a forma ou a consistência, em função do modo como são tratados ou manipulados (*e.g.*, *cozer*, *dobrar*, *fritar*); (iv) aqueles que exprimem o modo como aparece, desaparece ou se restabelece a sua integridade (*e.g.*, *cicatrizar*, *derreter*, *dissipar*); (v) aqueles que exprimem o aspecto do objecto no estado resultante da mudança (*e.g.*, *cristalizar*, *estilhaçar*, *fossilizar*); (vi) aqueles que exprimem transições de vários tipos (*e.g.*, *abrir*, *adormecer*, *umentar*). (DUARTE, 2003, p. 515)

Alguns destes verbos são de alternância causativa. Na seção abaixo, apresento a definição e características dos verbos de alternância causativa.

3.3.2.1.1.1 Verbos de alternância causativa

Segundo Duarte (2003):

Os **verbos de alternância** caracterizam-se por exibirem duas variantes, relacionadas de um dos seguintes modos: a grelha temática do verbo mantém-se em cada uma das variantes, mas a relação gramatical de um ou mais desses argumentos é diferente em cada uma delas; uma das variantes selecciona menos um argumento do que a outra, sendo a relação gramatical desse único argumento diferente da que tal argumento tem na outra variante. (p. 305, grifo da autora)

Entre esses verbos estão os verbos de alternância causativa que se caracterizam por exibirem uma variante causativa transitiva e uma variante não causativa inacusativa sem argumento externo. Nesta variante, é o argumento interno direto que ocorre como sujeito, como apresentam os exemplos abaixo:

(9)a. “O estudante terminou [a prova]_{TEMA}

(cf. O estudante terminou-a)

b. [A prova]_{TEMA} terminou.

(cf. Ela terminou)” (p. 306)

Alguns dos verbos que aceitam este tipo de alternância apresentam obrigatória ou opcionalmente o pronome –se na variante inacusativa:

(10) a. “A esquadra inimiga afundou [o navio]_{TEMA}

b. [O navio]_{TEMA} afundou-se.

(11) a. O calor derreteu [o gelado]_{TEMA}

b. [O gelado]_{TEMA} derreteu(-se).” (p. 306)

De acordo com a autora, os verbos de alternância causativa determinam os seguintes esquemas relacionais:

(12) “variante transitiva: [X_{AG/CAUS}]_{SU} V [Y_{TEMA}]_{OD}
 variante inacusativa: [Y_{TEMA}]_{SU} V(-se)” (p.306)

De acordo com o esquema acima, as variantes causativas e inacusativas dos verbos de alternância causativa estão relacionadas de forma sistemática por meio de duas propriedades: (a) o argumento interno direto da variante causativa ocorre como sujeito da forma inacusativa e (b) o argumento externo da variante causativa não está disponível na variante inacusativa nem mesmo sob a forma de agente implícito.

O fato de o argumento interno direto da variante inacusativa ser pronominalizável (cf. (13)) e determinar a concordância verbal (cf. (14)) demonstra a primeira propriedade.

(13) a. “Ela derreteu-se.
 b. Ela abriu-se.” (p. 515)

(14) a. “Os cubos de gelo derreteram.
 b. Os fechos de mala abriram-se.” (p. 515)

A segunda propriedade tem fundamental importância para distinguir a variante inacusativa de verbos de alternância causativa de frases passivas devido à impossibilidade “de ocorrência de um sintagma preposicional agentivo, de advérbios orientados para o agente (como *deliberadamente*, *intencionalmente*, *propositadamente*) e de orações finais” (DUARTE, 2003, p. 515) na variante inacusativa como se pode observar nos seguintes exemplos:

(15) a. “*A manteiga derreteu *pela Maria*.
 b. A manteiga foi derretida *pela Maria*.”

- (16) a. *A manteiga derreteu *intencionalmente*.
 b. A manteiga foi derretida *intencionalmente*.
 c. A Maria derreteu a manteiga *intencionalmente*.

- (17) a. *A manteiga derreteu *para fazer a tarde*.
 b. A manteiga foi derretida *para fazer a tarde*.
 c. A Maria derreteu a manteiga *para fazer a tarde*.” (p. 516)

De acordo com Duarte (2003), a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa admite apenas a expressão de uma causa externa não intencional ou de uma causa interna que se realiza estruturalmente como um adjunto preposicional, como se pode notar nos exemplos abaixo:

- (18) a. “A manteiga derreteu *com o calor*.
 b. A porta abriu-se *com o temporal*.

- (19) a. A manteiga derreteu *por si só*.
 b. A porta abriu-se *por si só*.”(p. 516)”.

A autora segue ressaltando que

A ausência do argumento com o papel de Agente/Causador, quer estruturalmente realizado quer sob a forma de agente implícito, levou alguns autores a sugerirem que a componente causativa presente na variante inacusativa é uma causatividade estática, i.e., relacionada exclusivamente com o subevento resultativo, contrariamente ao que acontece na variante causativa, em que está em causa uma causatividade dinâmica, relacionada tanto com o subevento causativo (não especificado) como com o sub-evento resultativo. (Duarte, 2003, p. 516)

A distinção entre estes dois tipos de causatividade reflete-se nos diferentes adjuntos que podem ocorrer na variante inacusativa dos verbos de alternância causativa e nas verdadeiras construções reflexivas, como se nota pelo contraste entre as frases (a) e (b) dos exemplos abaixo:

- (20) a. “A porta abriu-se *por si só*”.
 b. *A porta abriu-se *a si própria*.

- (21) a. *O João cortou-se *por si só*.
 b. O João cortou-se *a si próprio*. (p. 516)

Segundo Duarte, a descrição das construções exige, com quaisquer verbos de alternância, que se assumam hipóteses específicas sobre a estrutura do léxico. No caso das construções apresentadas nesta seção, é preciso decidir se o léxico do português contém uma entrada lexical causativa e outra inacusativa para um verbo de alternância causativa ou se contém apenas uma entrada lexical – a causativa –, da qual se deriva a variante inacusativa, opção esta adotada pela autora.

De acordo com esta hipótese, o verbo de alternância “abrir”, por exemplo, sofre uma operação lexical de Redução afetando o papel temático externo cujo efeito é derivar um predicado mono-argumental de um predicado de dois lugares. Como o papel temático externo é suprimido, o verbo perde a capacidade de legitimar casualmente o seu argumento interno direto, assim a forma resultante da operação de Redução tem as propriedades de um verbo inacusativo.

Duarte argumenta que

Com certos verbos de alternância causativa, esta operação de redução exige uma marcação morfológica na sintaxe, sob a forma de um clítico pseudo-reflexo, como acontece com *afundar-se*, *rasgar-se*. Com outros verbos, tal marcação é possível mas não obrigatória, como é o caso de *derreter(-se)*, *queimar(-se)*. Outros verbos ainda não a exigem nem admitem, como acontece com *acabar*, *aumentar*. (DUARTE, 2003, p. 518)

Segundo a autora, o fato de o clítico que ocorre com a variante inacusativa de certos verbos de alternância causativa ter propriedades distintas do pronome reflexivo (veja o contraste dos exemplos (20) e (21)) e o fato dele marcar a variante não causativa destes verbos levou muitos autores a denominá-lo de “-se anticausativo”.

4 VERBOS FORMADOS DE VERBOS COM MUDANÇA DE VALÊNCIA E FORMAÇÃO DO VERBO CAUSATIVO

O objetivo deste capítulo é apresentar uma descrição da formação de verbos de acordo com o aumento ou diminuição da valência. Atenção especial será dada à formação dos verbos causativos.

O capítulo está assim dividido: na seção 4.1, apresento os verbos formados de verbos com mudança de valência e na seção 4.2, as construções causativas.

Os conceitos apresentados seguem a abordagem teórica de Comrie (1976 e 1985), Lyons (1979), Duarte (2003) e Haspelmath & Müller – Bardey (2004).

4.1 VERBOS FORMADOS DE VERBOS COM MUDANÇA DE VALÊNCIA

Segundo Comrie (1985), muitas línguas apresentam processos derivacionais de graus variados para indicar mudança na valência do verbo. O autor analisou separadamente mudanças de valência onde o sujeito não é envolvido e mudanças de valência onde o sujeito é envolvido.

4.1.1 Mudança de Valência Não Envolvendo o Sujeito

A mudança de valência que não envolve o sujeito implica em uma mudança que envolve o objeto.

A análise do kaingang abordará somente a mudança de valência que envolve o sujeito devido ao fato desta estar relacionada com a causatividade, portanto não será abordada com detalhes, neste trabalho, a mudança de valência envolvendo o objeto. Apresento abaixo apenas uma definição deste processo.

Muitas orações podem ser bem construídas com uma variação no número de objetos. O verbo “ler” é um exemplo, pois pode aparecer somente com o objeto direto (O menino leu o livro.), sem objeto (O menino está lendo.), ou com um objeto indireto além do objeto direto (A professora leu o livro para o menino.). Línguas como o português e o inglês não marcam esta mudança de valência nas formas do verbo, porém muitas outras apresentam mudanças nas formas verbais. De acordo com o autor, tais diferenças na valência podem indicar: (a) diminuição no número de objetos, (b) aumento no número de objetos ou (c) reestruturação dos objetos com relação à valência do verbo básico. Comrie diz que (a) e (c) freqüentemente utilizam o mesmo mecanismo formal e que (b) e (c) são semelhantes em algumas instâncias.

4.1.2 Mudança de Valência Envolvendo o Sujeito

Comrie (1985) ressalta que a mudança mais comum é a relação derivacional entre um verbo intransitivo e um verbo transitivo em que o sujeito do verbo intransitivo é o mesmo que o objeto do verbo transitivo. É também possível a derivação de um verbo transitivo para intransitivo. Em ambos os casos, a forma derivada apresenta afixos adicionais na maioria das línguas descritas pelo autor.

Conforme o autor argumenta, o verbo intransitivo derivado do verbo transitivo denomina-se anticausativo, e o verbo transitivo derivado do intransitivo denomina-se causativo.

4.1.2.1 Diminuição de Valência

Há três tipos de construções formadas pela diminuição de valência envolvendo o sujeito: com verbo anticausativo, com verbo recíproco e com verbo reflexivo.

4.1.2.1.1 Anticausativo

Comrie (1985) afirma que o tipo mais comum de diminuição de valência envolvendo o sujeito é a derivação de um verbo intransitivo de um transitivo, na qual o verbo derivado é chamado de anticausativo. As línguas descritas pelo autor apresentam um afixo anticausativo no verbo derivado, como, por exemplo, o russo que emprega os sufixos “-sja” / “-s” (cf. (22)), e o húngaro que emprega os sufixos “-ód(ik)”/ “-őd(ik)” (cf. (23)).

(22) a. “Anton otkryl dver”

‘Anton abriu a porta.’

b. “Dver’ otkryla-s”

‘A porta abriu.’ (COMRIE, 1985, p. 325)

(23) “a. Zoltán cukrot old a vízben”

‘Zoltan dissolve açúcar na água.’

b. “A cukor a vízben old-ódik”

‘O açúcar dissolve na água’ (Comrie, 1985, p. 325)

Haspelmath & Müller – Bardey (2004) também discorrem sobre o anticausativo e explicam que há uma tendência muito forte em muitas línguas de que todas as orações tenham sujeito. Quando nessas línguas ocorre uma mudança de valência que implica na remoção do argumento agente da posição de sujeito, o argumento paciente ocupa esta posição e o verbo derivado apresenta um sufixo anticausativo que indica a eliminação do argumento agente.

Segundo estes autores, o termo anticausativo surgiu com Nedjalkov & Sil’nickij (1969) e a noção deste termo era desconhecida na gramática tradicional, entre as noções que foram empregadas para esta categoria estão as seguintes: “incoativo”, “pseudopassiva”, “passiva neutra”, “espontâneo” e outras.

Tanto Comrie (1985) quanto Haspelmath & Müller – Bardey (2004) discorrem sobre a similaridade entre construções anticausativas e passivas devido ao fato de ambas terem como sujeito o objeto direto do verbo transitivo, ou seja, têm sujeito paciente, como se pode notar nos exemplos abaixo:

- (24) a. Antônio abriu a porta. – construção transitiva
 b. A porta abriu(-se). – construção inacusativa
 c. A porta foi aberta. – construção passiva

Em seguida, os autores enfatizam a diferença existente entre estas construções: na passiva, mesmo que não esteja expresso, há um sintagma agentivo, e a construção anticausativa refere-se a um evento espontâneo. Haspelmath & Müller – Bardey (2004) pontuam que o anticausativo é sujeito a severas restrições lexicais, diferente da passiva que pode geralmente ser formada da grande maioria dos verbos transitivos. Os verbos anticausativos indicam que a ação acontece espontaneamente, sem a intervenção de agente humano. Assim, verbos como “quebrar”, “rasgar”, “abrir” e “fechar” freqüentemente apresentam anticausativo, enquanto que “cortar”, “serrar”, “escrever” e “lavar” não apresentam.

É possível estabelecer uma relação entre o termo anticausativo apresentado por Comrie (1985) e Haspelmath & Müller – Bardey (2004) e o termo inacusativo apresentado por Duarte (2003) ao tratar da variante inacusativa dos verbos de alternância causativa.

Ao estudar estes quatro autores, pude estabelecer semelhanças em suas colocações que me levam a crer que eles tratam do mesmo fenômeno: (a) na seção 3.3.2.1.1.1 do capítulo anterior, Duarte discorre sobre os verbos de alternância causativa que se caracterizam por exibirem uma variante transitiva causativa e uma variante não causativa inacusativa, na qual o argumento interno ocorre como sujeito e o argumento externo é eliminado. Comrie e Haspelmath & Müller – Bardey pontuam que, por um processo de redução de valência, o argumento agente é removido da posição de sujeito, posição esta que passa a ser ocupada pelo argumento paciente; (b) Duarte discorre sobre a importância de se distinguir a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa de frases passivas. Os argumentos que a autora emprega são semelhantes aos empregados

por Comrie e Haspelmath & Müller – Bardey ao distinguirem a construção anticausativa da passiva; (c) os verbos que Comrie e Haspelmath & Müller – Bardey citam como exemplos de anticausativos encaixam-se no que Duarte define como variante não causativa inacusativa dos verbos de alternância causativa; (d) Comrie e Haspelmath & Müller – Bardey denominam o afixo que ocorre no verbo derivado como anticausativo, assim como Duarte também adotou esta denominação ao clítico “-se” que ocorre na variante inacusativa.

No capítulo da análise, usei Duarte (2003) para tratar de tópicos que me parecem mais claros nesta autora e Comrie (1976, 1985) em tópicos melhor abordados por este autor do que Duarte. Como meu trabalho é de cunho descritivo, não considerei nocivo para o desenvolvimento da pesquisa apoiar-me em modelos teóricos diferentes, uma vez que, mesmo da Duarte, me baseei, principalmente, nos aspectos descritivos deste modelo.

4.1.2.1.2 Recíproco

Comrie (1985) aborda os verbos recíprocos como um tipo mais complexo de diminuição de valência envolvendo o sujeito. Para o autor, o sujeito e o objeto direto do verbo transitivo são combinados formando um único sujeito na oração recíproca. A valência do verbo é, portanto, reduzida da construção transitiva para intransitiva. O exemplo seguinte mostra que o russo utiliza na construção com verbo recíproco o mesmo sufixo utilizado na formação do verbo inacusativo (ver 4.1.2.1.1):

(25) “a. Anton vstretil Ninu”

‘Antônio encontrou Nina’

“b. Anton i Nina vstretili-s”

‘Antônio e Nina se encontraram.’ (Comrie, 1985, p. 326)

Em português, não há modificação morfológica na forma verbal, o que marca a construção com verbo recíproco é o uso do pronome “se”:

(26) Antônio e Nina se encontraram.

4.1.2.1.3 Reflexivo

Tanto Lyons (1979) quanto Comrie (1985) definem que, na construção reflexiva, o sujeito e o objeto se referem à mesma pessoa. Segundo Lyons, frase explicitamente reflexiva “é aquela em que a identidade do sujeito e a do objeto são marcadas claramente, ou na forma do pronome ou de alguma outra maneira, como, por exemplo, o uso de um prefixo, sufixo ou infixos ligados ao tema verbal”.(p. 382). Comrie considera que os verbos reflexivos são formados por um processo derivacional dos verbos não reflexivos. No verbo não reflexivo, o sujeito e o objeto direto são diferentes. No verbo reflexivo somente o sujeito é expresso, mas o afixo reflexivo indica que o sintagma nominal sujeito funciona igualmente como o sintagma nominal objeto. As orações a seguir mostram como é o processo derivacional do verbo reflexivo em russo:

(27) “a. Mat’ pomyla rebenka”

‘A mãe lavou a criança’

“b. Rebenok pomyl-sja”

‘A criança lavou-se.’ (Comrie, 1985, p. 327)

É interessante observar que o russo utiliza os mesmos sufixos para verbos anticausativos, recíprocos e reflexivos (ver 4.1.2.1.1 e 4.1.2.1.2).

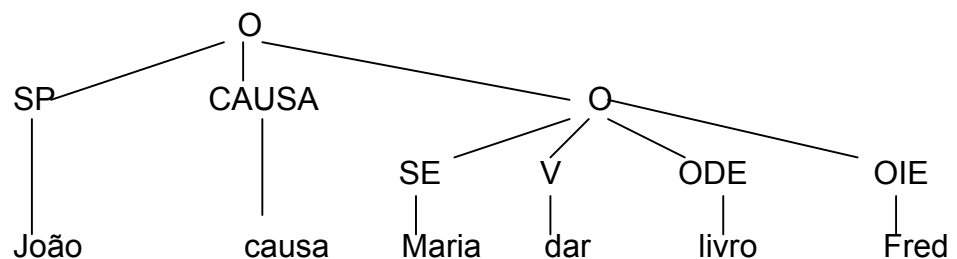
4.1.2.2 Aumento de Valência

O aumento de valência que envolve o sujeito resulta na formação de uma oração causativa. Este tipo de construção será abordado detalhadamente nas seções seguintes.

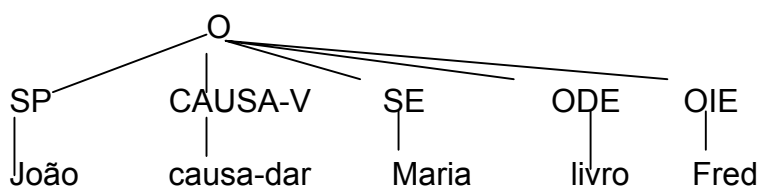
4.2 VERBOS CAUSATIVOS

Comrie (1976) define uma oração causativa como derivada de uma não causativa por um aumento de valência da oração não causativa. Este aumento se faz pelo acréscimo de um sintagma nominal com função de “causer” à oração não causativa. Há duas possibilidades de construção de uma oração causativa: com dois predicados ou apenas um.

Com relação ao primeiro tipo, o autor considera que a estrutura subjacente de uma oração causativa consiste de uma oração principal e uma oração encaixada: a oração principal contém um sintagma nominal sujeito (SP) (sujeito da oração principal) que corresponde ao “causer” da ação, e a oração encaixada contém um sintagma nominal sujeito (SE) (sujeito da encaixada) - que corresponde à pessoa que de fato executa a ação, também poderá ter um ou mais sintagmas nominais objetos, de acordo com a valência do verbo encaixado – um objeto direto encaixado (ODE), um objeto indireto encaixado (OIE) ou um outro constituinte oblíquo (CO). Comrie (1976) representa esta estrutura através do esquema a seguir:



Um segundo tipo de construção acontece na maioria das línguas descritas por Comrie, nas quais o elemento causativo e o verbo encaixado se fundem na estrutura derivada, de forma que não haverá oração encaixada:



Nas línguas que apresentam esta estrutura, a fusão do elemento causativo com o verbo encaixado é clara, porque há um único verbo, embora morfologicamente mais complexo, como por exemplo, o verbo turco “imzala-t” (fazer assinar) com relação ao verbo “imzala” (assinar). Outros exemplos do turco são:

(28) “Ali **Hasan-i** öl -dür -dü”⁵

OD morrer Caus Pas.

‘Ali fez Hasan morrer, matou Hasan.’

(29) “Dişçi mektub-u **müdür -e** imzala-t -ti”

dentista carta OD diretor OI assinar Caus Pas.

‘O dentista fez o diretor assinar a carta’

(30) “Dişçi Hasan-a mektub-u **müdür tarafından** göster -t ti”

dentista OI carta OD diretor por mostrar Caus Pas.

‘O dentista fez o diretor mostrar a carta para Hasan.’

Há línguas, como o francês que, mesmo usando dois verbos, ambos funcionam como uma unidade única. Exemplos:

(31) “Je ferai courir **Henriette.**”

‘Eu farei Henriette correr.’

(32) “Je ferai manger les gâteaux **à Jean.**”

‘Eu farei Jean comer os bolos.’

(33) “Je ferai écrire une lettre au directeur **par Jean.**”

‘Eu farei Jean escrever uma carta para o diretor.’

⁵ Os exemplos de (28) a (33) foram retirados de Comrie (1976, p. 262-263, grifo do autor).

Comrie (1976) explica que, nas sentenças do francês e do turco citadas acima, as posições sintáticas de OD, OI, etc., referem-se à sintaxe de superfície das orações e que, em cada oração, o sujeito está em negrito. Os equivalentes não causativos destes verbos são, respectivamente, intransitivos, transitivos com objeto direto e transitivos com objeto direto e indireto. O sujeito encaixado aparece de acordo com os argumentos do verbo encaixado. Se o verbo encaixado não tem nenhum objeto, o sujeito encaixado aparece como objeto direto; se o verbo tem objeto direto, o sujeito encaixado aparece como objeto indireto, se o verbo tem objeto direto e indireto, o sujeito aparece como algum outro constituinte oblíquo. Ou seja, o sujeito encaixado aparece em uma destas seguintes posições de acordo com a ordem: **sujeito – objeto direto – objeto indireto – outro constituinte oblíquo.**

Esta ordem é chamada por Comrie (1976) de hierarquia de caso, na qual o sujeito encaixado é rebaixado da posição de sujeito para a próxima posição disponível na hierarquia. Nem todas as línguas se ajustam nesta hierarquia. As características da hierarquia de caso são: (a) não existe nenhuma restrição sintática na formação de construções causativas, não importa quantos argumentos tem um verbo não causativo, o seu equivalente causativo terá um argumento a mais (a exceção se encontra na língua Songhai); (b) uma oração simples não poderá ter mais de um sujeito, nem objeto direto, nem objeto indireto, embora haja exceções. Comrie notou que não há restrições na duplicação de outros constituintes oblíquos, a duplicação de objeto direto é menos freqüente que a de objeto indireto e a de sujeito é muito rara, se não inexistente; (c) sempre é o sujeito encaixado que é removido para a posição ainda não ocupada e (d) o rebaixamento do sujeito se faz passo a passo, isto é, sempre para a posição mais alta da hierarquia que ainda não foi ocupada.

4.2.1 Causativos Analíticos, Morfológicos e Lexicais

Segundo Comrie (1985), existem três tipos de construções causativas: analítica (ou sintática), morfológica (ou sintética) e lexical.

Na construção analítica, não há a fusão do elemento causativo e o verbo da oração não causativa, ou seja, a construção causativa não é feita por uma oração simples; o predicado que expressa a idéia de causa será separado do predicado não causativo. Esta construção corresponde à primeira estrutura apresentada na seção 4.2. Conforme o autor, a seguinte oração não causativa “Sam slid off the roof” (Sam escorregou do telhado) (p. 331) terá como causativos analíticos correspondentes as seguintes construções: “Mary brought it about that Sam slid off the roof”, “Mary caused Sam to slide off the roof” ou “Mary made Sam slide off the roof” (Maria fez Sam escorregar do telhado) (p. 331), nas quais a idéia de causa é expressa pelos verbos “bring about”, “cause” e “make”.

A maioria das línguas descritas por Comrie apresenta uma oração simples causativa derivada da oração não causativa, como é possível observar na segunda estrutura apresentada em 4.2. Na oração causativa, o verbo sofre um processo derivacional por meio de afixos para expressar a causa. Este tipo de construção é o que o autor chama de causativo morfológico. O seguinte exemplo turco ilustra o causativo morfológico:

(34) a. “Hasan öl-dü”

‘Hasan morreu’

b. “Ali Hasan –i öl –dür –dü”

‘Ali fez com que Hasan morresse, matou Hasan.’ (COMRIE, 1985, p. 331)

Lyons (1979) também utiliza este exemplo e explica que o sufixo “-dür” converte o radical transitivo “öl-“ (morrer) no transitivo “öl-dür-” na oração derivada. O sufixo “-dü” marca o tempo passado e o “-i” é marca do objeto.

O causativo lexical pode ser ilustrado com os seguintes exemplos de Lyons:

(35) “a. Bill died”

‘Guilherme morreu’

“b. John killed Bill”

‘João matou Guilherme’ (LYONS, 1979, p. 372)

De acordo com o autor, é possível dizer que a relação entre o transitivo e o intransitivo está “lexicalizada”: “É uma questão de estrutura lexical que faz com que se diga *John killed Bill*, e não **John died Bill/ *João morreu Guilherme*. A relação sintática e semântica entre kill e die é daquelas que a criança, ao aprender a língua, virá a conhecer, [...]” (LYONS, 1979, p. 372). O autor segue dizendo que, num primeiro momento, “kill” e “die” são vistos como verbos diferentes; mais adiante considera as implicações que há em tratá-los como realizações fonológicas alternativas, sintaticamente condicionadas ao mesmo verbo.

Arrais (1985) aborda que algumas línguas como o turco, o basco, o guarani, o japonês, o klmer, o coreano e muitas outras apresentam morfemas causativos próprios (sobretudo prefixais e sufixais). Nas línguas indo-européias, “mais comumente se verificam procedimentos sintáticos ou léxico-sintáticos na formação de construções causativas, sendo esporádicas e nada sistemáticas as formações de verbos causativos com morfemas sufixais”.(p. 44). Em português, os sufixos *-izar* e *-ficar* são comumente apontados como formadores de verbos causativos (humanizar, esterilizar, atemorizar, danificar, purificar, etc.).

Lyons aborda que

Contrariamente aos causativos ‘lexicais’ e aos causativos morfológicos, os verbos transitivos *move*, *change*, *grow*, etc. podem ser descritos como derivados dos verbos intransitivos correspondentes – idênticos na forma fonológica, e por isso referidos acima como os ‘mesmos verbos’ – por meio de um processo morfológico de ‘modificação zero’. Convém assinalar que muitas das formas que se diz tradicionalmente ocorrerem, em inglês, como ‘adjetivo’ e como ‘verbos’ caem no âmbito dessa classificação: p.ex.: *He warms the milk / Ele esquenta o leite*, relaciona-se com *The milk is warm / O leite está quente*, que contém o verbo ‘adjetivo’ intransitivo *warm*, e igualmente *He moves the stone / Ele move a pedra*, está relacionado com *The stone moves* ‘A pedra se move’. Morfologicamente, os verbos transitivos *move* e *warm* são ‘derivados dos intransitivos *move* e *warm*, por ‘modificação zero’. (1979, p. 380).

Comrie (1985) ressalta que, às vezes, pode ser difícil fazer distinção entre o causativo sintático e morfológico ou entre morfológico e lexical. O francês, como se pode observar nos exemplos (31), (32) e (33) utiliza o verbo “faire” mais o infinitivo do verbo principal para expressar uma situação causativa. Esta parece ser uma construção analítica, mas, na verdade, “faire” mais o infinitivo comporta-se

como um predicado único, isto é, como um causativo morfológico. Sobre esta construção, Comrie (1976) explica que embora “fazer” e o infinitivo sejam considerados verbos independentes, quando se reúnem na construção causativa, formam uma unidade particularmente aderente, nenhum sintagma nominal pode interpor entre os dois verbos. Prova disto é a agramaticalidade da frase: “* Paul fit Pierre manger les pommes” (COMRIE, 1985, p. 332). Este tipo de construção é agramatical em francês porque a língua utiliza apenas um predicado, embora complexo, para expressar causatividade, assim “Pierre” nesta oração deveria ocupar a posição de objeto indireto. Lyons (1979) também aborda este tipo de construção dizendo que é uma característica da construção causativa em francês o fato de que o sujeito do núcleo subjacente com verbos de dois lugares é transformado em objeto indireto com verbos causativos de três lugares, mesmo sendo verbos complexos, enquanto o objeto do núcleo subjacente de dois lugares permanece como objeto direto na construção causativa de três lugares, como se pode observar no exemplo (33).

Como será apresentado na seção 4.2.7, o português comporta-se de modo diferente de línguas latinas como o francês e espanhol na construção de orações causativas formadas com o verbo “fazer”.

Segundo Comrie (1985), a distinção entre causativos morfológicos e lexicais pode ser até mais difícil de traçar, porque causativos lexicais poderiam ser tratados como causativos morfológicos envolvendo supletivismo, isto é, “kill” seria causativo de “die” da mesma maneira que “went” é passado de “ir”. Esta análise pode provavelmente ser justificada quando há poucos pares supletivos ao longo de uma lista de causativos claramente morfológicos, porém este fato provavelmente está mais ligado à posição do lingüista do que à língua propriamente dita.

Depois de apresentar os três tipos causativos, Comrie ressalta a questão da produtividade e diz que, em geral, a formação de causativos analíticos é completamente produtiva; a formação de causativos lexicais é, por definição, considerada não produtiva, visto que há poucos casos e o grau de produtividade dos causativos morfológicos varia imensamente de língua para língua.

4.2.2 Argumentos “Causer” e “Causee”

A oração causativa apresenta um argumento a mais que a oração não causativa correspondente. Este argumento é chamado de “causer” e geralmente aparece como sujeito da oração causativa. O sujeito da oração não causativa torna-se o “causee” (argumento que Comrie chama de sujeito encaixado em 4.2) da oração causativa correspondente. Estes dois argumentos estão representados nas seguintes orações:

(36) a. oração não causativa: O menino comeu o bolo.

b. oração causativa: **A mãe** fez **o menino** comer o bolo.

causer causee

Como apresentado em 4.2, o “causee” refere-se ao sujeito encaixado e representa quem de fato executa a ação. Nas línguas em que ocorre o causativo morfológico, este argumento não pode aparecer como sujeito da oração derivada, visto que esta posição já está ocupada pelo “causer”, portanto ele aparece nesta oração como objeto direto, objeto indireto ou outro constituinte oblíquo dependendo da valência do verbo.

Assim, há três possibilidades de formação de um verbo causativo derivado de um não causativo: causativo formado de um verbo intransitivo, causativo formado de um verbo monotransitivo e causativo formado de um verbo ditransitivo. Todas estas construções envolvem mudança de valência, pois há o acréscimo de um argumento, o “causer”, e a mudança da função sintática do argumento que funciona como sujeito da oração não causativa. Convém ressaltar que a formação de causativos de verbos intransitivos, monotransitivos com objeto direto e ditransitivos com objeto direto e indireto que serão apresentados nas seções: 4.2.3, 4.2.4 e 4.2.5 resulta em predicados simples, portanto as construções derivadas apresentam causativo morfológico.

4.2.3 Causativos Formados de Verbos Intransitivos

De acordo com a hierarquia de caso apresentada na seção 4.2, na formação de uma oração causativa derivada de uma oração com verbo intransitivo, o “causer” aparece como sujeito e o “causee” como objeto direto, já que esta é a próxima posição disponível na hierarquia. O seguinte exemplo do sânscrito mostra este tipo de construção onde “Rāmo” é o “causer” e “madhuliham” é o “causee”:

(37) “Rāmo madhuliham pātayati.”

Sujeito abelha (OD) voar-CAUSE

‘Ramo fez a abelha voar.’ (COMRIE, 1976, p. 266)

Comrie (1985) pontua que esta posição do “causee” também se aplica quando o verbo é intransitivo, mas tem um objeto locativo como acontece neste exemplo turco:

(38) “a. Çocuk okul-a başla-di”

criança escola-OI partir-Pass

‘A criança partiu para a escola.’

“b. Öğretmen çocuğ-u okul-a başla-t-ti

professor criança-OD escola-OI partir-CAUSE- Pass

‘O professor fez a criança partir para a escola.’ (COMRIE, 1985, p. 337)

Segundo o autor, em algumas línguas, ao lado de construções onde o “causee” aparece como objeto direto, é possível encontrar construções onde ele aparece como um objeto oblíquo, como em húngaro:

(39) “a. Én köhög-tet-te-m a gyerek-et

‘Eu tossir-CAUSE-PAST-ISG a criança-OD

“b. Én köhög-tet-te-m a gyrek-kel(INSTR)

‘Eu fiz a criança tossir’ (COMRIE, 1985, p. 337)

A primeira oração tem o “causee” como objeto direto e a segunda como um objeto oblíquo (instrumental). Estas duas orações não são absolutamente sinônimas: a primeira implica maior coerção que a segunda. Assim, quando o “causee” não aparece como objeto direto, ele retém pelo menos uma agentividade parcial.

4.2.4 Causativos Formados de Verbos Monotransitivos

Causativos formados de verbos transitivos normalmente têm a mesma valência de um básico verbo ditransitivo. O “causer” aparece como sujeito do verbo causativo, o “causee” como seu objeto indireto e o objeto direto do verbo da oração não causativa permanece como objeto direto da construção causativa. Este tipo de construção é a mais freqüente e segue a hierarquia de caso. O exemplo turco apresentado em 4.2 mostra este tipo de construção:

- (29) “Dişçi mektub-u müdür -e imzala-t -ti”
 dentista carta OD diretor OI assinar Caus Past
 ‘O dentista fez o diretor assinar a carta’

As orações do hindi e do francês também exemplificam este tipo de construção:

- (40) “Mām ne baccom ko gemd khilai.”
 mãe Suj criança OI bola jogar-Caus-Perf
 ‘A mãe fez a criança jogar bola.’ (COMRIE, 1976, p. 268)

- (41) “J’ai fait manger la pomme à Claude.”
 Sujeito fazer comer OD OI
 ‘Eu fiz Cláudio comer maçã.’ (COMRIE, 1976, p. 268)

Exemplos paralelos, segundo Comrie (1976), são encontrados em georgian, songhai, tagalog, punjab e italiano.

Algumas línguas permitem ou exigem que tanto o “causee” quanto o objeto direto do verbo transitivo apareçam como objeto direto na construção causativa, como, por exemplo, o sânscrito com objeto direto no acusativo:

(42) “a. Bhrtyah katam karoti
 empregado(NOM) tapete (AC) preparar
 ‘O empregado prepara o tapete.’

“b. Rāmah bhrtyam katam kārayati”
 Rama (NOM) empregado (AC) tapete(AC) preparar(CAUSE)
 ‘Rama fez o empregado preparar o tapete.’ (COMRIE, 1985, p. 338)

A língua alemã também permite a duplicação do objeto direto, como se pode verificar no exemplo a seguir:

(43) “Er liess seinen Sohn den Brief abtippen”
 ele fazer seu filho(OD) a carta(OD) datilografar
 ‘Ele fez seu filho datilografar a carta.’ (COMRIE, 1976, p. 285)

Um tipo de construção que pode acontecer é o “causee” aparecer como algum objeto (constituente) oblíquo, geralmente o mesmo usado para expressar o agente na construção passiva. Esta construção é, às vezes, encontrada junto ao “causee” como objeto indireto como no seguinte exemplo francês:

(44) “a. Pierre mangea les pommes”
 ‘Pierre comeu as maçãs’

“b. Paul fit manger les pommes à/ par Pierre
 ‘Paul fez Pierre comer as maçãs’ (COMRIE, 1985, p. 339)

4.2.5 Causativos Formados de Verbos Ditransitivos

Conforme a hierarquia de caso apresentada em 4.2, quando um verbo não causativo apresenta objeto direto e objeto indireto, o “causee” na construção causativa correspondente aparecerá, preferencialmente, como um outro constituinte (objeto) oblíquo, como pode ser observado no seguinte exemplo turco apresentado em 4.2:

- (30) “Dişçi Hasan-a mektub-u müdür tarafından göster -t ti”
 dentista OI carta OD diretor por mostrar Caus Pass.
 ‘O dentista fez o diretor mostrar a carta para Hasan.’

A posposição “tarafından” também marca o agente da passiva:

- (45) “Adam kadin tarafından döv-ül-dü”
 homem mulher por atingir-PASS-PAST
 ‘O homem foi atingido pela mulher.’ (COMRIE, 1985, p. 340)

Algumas línguas permitem que haja a duplicação do objeto indireto na formação do causativo de um verbo bitransitivo, como o turco:

- (46) “Dişçi müdür-e mektub-u Hasan-a göster-t-ti”
 dentista diretor-OI carta-OD Hasan-OI mostrar-CAUSE-PAST
 ‘O dentista fez o diretor mostrar a carta para Hasan.’ (COMRIE, 1985, p. 341)

Segundo Comrie (1985), falantes nativos de turco freqüentemente variam se tal construção com duplo objeto indireto é permissível. Esta hesitação parece ter a ver mais com a eufonia ou com outras considerações estilísticas.

4.2.6 Verbos Causativos e Hierarquia de Caso

De acordo com a hierarquia de caso apresentada em 4.2, o sujeito encaixado (“causee”) tende a ocupar a posição mais alta à esquerda ainda não preenchida. O esquema a seguir feito por Comrie ilustra a posição que o “causee” deve ocupar na construção causativa segundo a ordem apresentada na hierarquia de caso: sujeito – objeto direto – objeto indireto – outro constituinte oblíquo. Como pontuei na introdução deste trabalho, minha hipótese é a de que a língua kaingang se encaixe nesta hierarquia.

	Construção básica	Construção causativa
Intransitivo	SUJ	SUJ OD
Monotransitivo	SUJ OD	SUJ OD OI
Ditransitivo	SUJ OD OI	SUJ OD OI OBL

Ao analisar as línguas que permitem a duplicação de algum constituinte, como nos exemplos (42a), (43) e (46), Comrie observou que a ordem de duplicação segue a ordem da hierarquia de caso, ou seja, a duplicação do sujeito é extremamente rara e que a duplicação do objeto indireto é mais comum que a do objeto direto enquanto a duplicação do constituinte oblíquo ocorre livremente.

4.2.7 Causativos Formados de Intransitivos, Monotransitivos e Ditransitivos em Português

A língua portuguesa apresenta estrutura diferente das orações apresentadas nas seções 4.2.3, 4.2.4 e 4.2.5 e não se encaixa na hierarquia de caso apresentada por Comrie. Nas orações derivadas de verbos intransitivos, transitivos e ditransitivos, há o acréscimo de um predicado, portanto o tipo de causativo neste tipo de derivação é analítico.

A estrutura do português corresponde ao primeiro esquema apresentado por Comrie na seção 4.2. A derivação de uma oração causativa de uma não causativa se faz pelo acréscimo de um predicado que tem um sintagma funcionando como “causer” e do verbo “fazer”. Na oração derivada, o predicado acrescentado torna-se a oração principal e a oração primitiva é encaixada nela. A posição de sujeito da principal será ocupada pelo “causer” enquanto a posição de sujeito da encaixada será ocupada pelo “causee”, argumento que, de fato, executa a ação como nos seguintes exemplos:

- (47) a. O menino dormiu.
 b. A mãe fez o menino dormir.

A oração (b) é um exemplo de oração causativa formada de verbo intransitivo. Como se pode constatar neste exemplo, o complemento de “fazer” é uma oração encaixada com função de objeto direto. Esta oração é composta por sujeito + verbo no infinitivo. Em (b), o argumento acrescentado assume a função de “causer” e o sujeito da encaixada a função de “causee”.

O mesmo ocorre na formação de oração causativa formada de verbo monotransitivo:

- (48) a. O menino comeu bolo.
 b. A mãe fez o menino comer bolo.

A oração derivada apresenta uma oração principal com sujeito ocupado pelo “causer”. Esta oração tem como complemento uma oração encaixada com o “causee” na função de sujeito + verbo no infinitivo. É possível observar que tanto o sujeito como o objeto da oração básica permanecem nestas posições na oração derivada.

Com verbos ditransitivos ocorre o mesmo tipo de estrutura:

- (49) a. O menino deu um presente para sua mãe.
 b. O pai fez o menino dar um presente para sua mãe.

A oração (b) apresenta como sujeito da principal o “causer” - argumento acrescentado. Na oração encaixada, as posições de sujeito, objeto direto e objeto indireto são ocupadas pelos mesmos argumentos da oração básica.

Portanto, conclui-se que em português os argumentos que ocupam a posição de sujeito e objetos (direto e indireto) permanecem nesta posição na encaixada. É interessante notar que esta língua comporta-se de maneira diferente do francês e espanhol, que são da mesma família.

Os exemplos (31), (32) e (33) do francês demonstram que esta língua segue a hierarquia de caso defendida por Comrie. Os exemplos abaixo do espanhol também estão de acordo com a hierarquia:

- (50) “Hicimos bailar a Julia.”
 ‘Fizemos Julia bailar.’ (HERNANZ, 1999, p. 2.247).

- (51) “Hizo abrir las ventanas al conserje.”
 ‘Fiz o porteiro abrir as janelas.’(HERNANZ, 1999, p. 2.249)”.

Em (50), o “causee” ocupa a posição de objeto direto e, em (51), a de objeto indireto. Ambas as orações apresentam um único predicado, no qual o verbo “fazer” mais o infinitivo formam uma unidade.

5 ANÁLISE

Este capítulo tem como objetivo principal descrever a formação de orações causativas da língua kaingang. Apresento também as construções com verbos de alternância causativa e orações formadas por diminuição de valência, envolvendo o sujeito (recíprocas e reflexivas). Antes de abordar estas orações, faço uma breve exposição sobre os estudos do nível morfossintático da língua kaingang e, em seguida, a descrição da ordem oracional da língua kaingang, com o objetivo de esclarecer o leitor na compreensão das construções apresentadas ao longo do capítulo.

Para descrever e analisar as orações do kaingang eu me apoiei nos pressupostos teóricos apresentados nos capítulos 3 e 4.

O capítulo está assim dividido: na seção 5.1, apresento os estudos do nível morfossintático da língua kaingang; na seção 5.2, a descrição da ordem oracional da língua; na seção 5.3, os verbos formados com diminuição de valência envolvendo o sujeito e na seção 5.4, a formação de orações causativas.

5.1 ESTUDOS DO NÍVEL MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA KAINGANG

Apesar de ser grande o número de falantes, as pesquisas lingüísticas que envolvem a língua kaingang são poucas, o que leva a alguns problemas:

a) o número de pesquisadores da língua é pequeno

Há uma escassez de pesquisadores para estudar as cerca de 170 línguas faladas no território brasileiro, o que se configura como uma deficiência para o quadro de lingüistas brasileiros, ou seja, não apenas o kaingang, mas a maioria das línguas Jê necessita de estudos no nível morfossintático que possam contribuir não apenas para o escopo da Lingüística, mas também para os estudos comparados desta família lingüística.

b) a língua carece de estudos do nível morfossintático

Um dos primeiros estudiosos a dedicar-se à língua foi Frei Mansueto B. de Val Floriana, que organizou uma gramática (FLORIANA, 1918) e um dicionário (FLORIANA, 1920) do kaingang. Apesar de ser um material riquíssimo, o uso do mesmo “constitui apenas uma referência a estudos mais apurados da morfossintaxe da língua, uma vez que as análises desenvolvidas por Floriana são pouco sistemáticas e se baseiam nos conhecimentos gramaticais da época. (SANTOS e PONTES, 1997, p. 6).

Rosário F. Mansur Guérios (GUÉRIOS, 1942 e 1945) e Herbert Baldus (BALDUS, 1947) abordaram aspectos morfossintáticos, porém de forma não sistemática. Em 1966, Mullen publicou um trabalho sobre a pluralização em kaingang.

Destacam-se os trabalhos de duas pesquisadoras: Úrsula Wiesemann e Marita P. Cavalcante.

Um dos trabalhos mais importantes de Wiesemann é “Phonologische und Grammatische der Kaingáng – Sprache” (WIESEMANN, 1972) no qual aborda as estruturas fonológicas e morfossintáticas da língua. Outro trabalho importante de Wiesemann é o “Dicionário Kaingáng – Português e Português – Kaingáng (WIESEMANN, 1971) útil em algumas informações gramaticais”.

O trabalho de Cavalcante (1987) refere-se à fonologia da língua. Sua análise segue os princípios da gramática gerativo-transformacional.

Quanto à marcação de caso, são relevantes os trabalhos de Nascimento (1995 a, 1996) e de D’Angelis (1995 a).

c) são poucos os estudos sobre a língua kaingang que possam ser usados por professores bilíngües

Os professores bilíngües da terra Indígena Apucarantina não dispõem de absolutamente nenhum material acessível sobre a estrutura da língua kaingang. Acredito que o acesso a materiais técnicos sobre a gramática da língua contribuirá para o bom desempenho das atividades de ensino, pois constatei grande interesse por parte deles.

5.2 ORDEM ORACIONAL DA LÍNGUA KAINGANG

A ordem oracional canônica na língua kaingang é S O V como se pode constatar a partir do exemplo: [

- (52) gĩr vỹ emĩ kó
 sujeito objeto verbo
 menino ms bolo comer (pas.)
 “O menino comeu bolo”.

Em kaingang, o passado é o tempo não marcado, ou seja, tem a mesma forma do infinitivo. A oração acima e as demais que apresento no decorrer deste capítulo foram coletadas neste tempo, por isso, nas glosas, o verbo aparece no infinitivo com a indicação de passado entre parênteses.

A partícula “vỹ” ocorre no sintagma nominal sujeito e funciona como marcador do sujeito.

Na oração transitiva indireta, o objeto indireto ocorre depois do objeto direto:

- (53) Kófa vỹ gĩr ag mỹ ó to
 sujeito obj. ind. obj. dir. verbo
 velho menino pl. para história contar (pas.)
 “O velho contou uma história para os meninos”.

Na oração acima, a partícula “ag” funciona como marcador de plural.

Na oração intransitiva, a ordem é S V como se pode notar no exemplo abaixo:

- (54) toto vỹ tẽ
 sujeito verbo
 borboleta ms voar (pas.)
 “A borboleta voou.”

Abreu (2005), no trabalho “Os pronomes e a estrutura frasal em kaingang”, constatou que, em certas orações com o sintagma nominal sujeito preenchido por um pronome pessoal, a ordem é O V S (cf. (55)) e VS (cf. (56)).

(55) gój ma inh
 objeto verbo sujeito
 água carregar(pas.) eu
 “Eu carreguei água.”

(56) Mur ti
 verbo sujeito
 nascer (pas.) ele
 “Ele nasceu.”

5.3 MUDANÇA DE VALÊNCIA ENVOLVENDO O SUJEITO

5.3.1 Diminuição de Valência

De acordo com Comrie (1985), há três tipos de construções derivadas de um verbo transitivo com diminuição de valência: com verbo anticausativo, oração com verbo recíproco e oração com verbo reflexivo. Tratarei o verbo anticausativo como a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa seguindo a definição de Duarte (2003).

5.3.1.1 Verbos de Alternância Causativa

Conforme apresentado no capítulo 4, os verbos de alternância causativa se caracterizam por exibirem uma variante causativa transitiva e uma variante não causativa inacusativa. A variante inacusativa é derivada da transitiva

por um processo de redução de valência, no qual o argumento que funciona como objeto direto da variante transitiva ocorre como sujeito da forma inacusativa e o argumento externo da variante transitiva não fica disponível na inacusativa, portanto o verbo sofre um processo de redução que afeta o papel temático externo resultando em um predicado mono-argumental derivado de um predicado de dois lugares. Como o papel temático externo é suprimido, o verbo perde a capacidade de legitimar casualmente o seu argumento interno direto, assim a forma resultante tem as propriedades de um verbo inacusativo.

Os verbos de alternância causativa da língua kaingang apresentados abaixo se encaixam no que Duarte (2003) define como verbos de mudança de estado devido à causa externa.

Verbo quebrar vidro

(57) gĩr vỹ inh pratu gãm
 menino ms p.p.1ªp. prato quebrar vidro (pas.)
 “O menino quebrou meu prato”.

(58) inh pratu vỹ góv
 p.p.1ªp. prato ms quebrar vidro (pas.)
 “Meu prato quebrou.”

Nota-se que o verbo “quebrar vidro” apresenta uma variante causativa transitiva (57) e uma não causativa inacusativa (58). O sujeito sintático da variante inacusativa e o objeto da variante transitiva têm a mesma função semântica. A primeira é uma construção causativa transitiva que se constrói com um argumento agente (o menino) e que expressa um evento que denota uma mudança de estado em seu argumento objeto (meu prato). A segunda é uma construção inacusativa que se constrói com somente um argumento: o elemento que sofre a mudança de estado. A relação semântica entre o verbo “quebrar” e o sintagma nominal “meu prato” é a mesma nas duas construções, pois, em ambos os casos, trata-se do paciente ou tema ‘afetado’ - é um objeto nocional que apresenta variação na sua realização sintática: objeto na construção transitiva e sujeito na oração inacusativa.

Na construção inacusativa, é possível entender que há uma causa externa que desencadeia o processo que o verbo denota, mas esta causa não é especificada.

Duarte (2003) argumenta que as variantes inacusativas de certos verbos de alternância causativa em português são marcadas com o clítico “-se” denominado anticausativo; Comrie (1985) e Haspelmath & Müller-Bardey (2004) destacam que o verbo anticausativo derivado do verbo transitivo por redução de valência é marcado com um afixo também denominado anticausativo.

A língua kaingang marca a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa com uma modificação morfológica. Nos exemplos (57) e (58) é possível notar que a variante transitiva causativa do verbo “quebrar vidro” é “gãm” e que a variante não causativa inacusativa é “góv”.

Abaixo segue a descrição de outros verbos de alternância causativa da língua kaingnag.

Verbo fechar

(59) gĩr vỹ jankã nĩfénh é
 menino ms porta fechar (pas.) (?)
 “O menino fechou a porta.”

(60) jankã vỹ nĩfe é
 porta ms fechar (pas.) ?
 “A porta fechou.”

Como se pode notar, nas orações acima, o verbo “fechar” na construção transitiva causativa tem a forma “nĩfénh” e a forma “nĩfe” na oração inacusativa.

Verbo esfriar

(61) kafe kusãg fi
 café esfriar (pas.) ela
 “A mulher esfriou o café.”

- (62) kafe vỹ kusa é
 café ms esfriar (pas.) (?)
 “O café esfriou”.

Na oração transitiva causativa, a forma do verbo esfriar é “kusãg” e na oração inacusativa a forma é “kusa”. Na oração (61), mulher é representada pelo pronome “fi”. Quando o sujeito da oração é ocupado por pronome, ele aparece no final da oração e não há marcação de sujeito.

Verbo quebrar

- (63) gĩr vỹ janela mranh
 menino ms janela quebrar (pas.)
 “O menino quebrou a janela”.

- (64) janela vỹ mráj
 janela ms quebrar (pas.)
 “A janela quebrou”.

A forma do verbo “quebrar” na oração transitiva causativa é “mranh” e na oração inacusativa é “mráj”.

Verbo rachar

- (65) gĩr vỹ pĩ ryg
 menino ms lenha rachar (pas.)
 “O menino rachou a lenha”.

- (66) pĩ vỹ ryg ké
 lenha ms rachar (partir uma vez) (pas.)
 “A lenha rachou”.

Como se pode notar a forma do verbo “rachar” na oração transitiva causativa é “ryg” e na oração inacusativa é “ryg ké”.

Os verbos que serão apresentados abaixo (acordar, abrir, rolar, queimar, rasgar e matar/morrer) apresentam um padrão na mudança morfológica da forma transitiva causativa para a inacusativa. Na forma transitiva apresentam final “-n” e na forma inacusativa apresentam final “-r”.

Verbo acordar

(67) ũn sĩ nỹ fi vỹ ti rĩn
 criancinha mãe fem. ms ele acordar (pas.)
 “A mãe acordou o menino”.

(68) ũn sĩ vỹ rĩr
 criancinha ms acordar (pas.)
 “O menino acordou”.

O verbo “acordar” apresenta a forma “rĩn” na oração transitiva causativa e a forma “rĩr” na oração inacusativa. Sobre a estrutura da oração (67), convém ressaltar que “ũn sĩ nỹ fi vỹ” deve ser interpretado como “a mãe do menino”. Na posição de objeto, a palavra menino é representada pelo pronome “ti”.

Verbo queimar

(69) ũn gré vỹ ãn pũn
 homem ms casa queimar (pas.)
 “O homem queimou a casa”.

(70) ãn vỹ pũr
 casa ms queimar (pas.)
 “A casa queimou”.

Na oração transitiva causativa, a forma do verbo queimar é “pũn” e na oração inacusativa é “pũr”.

Verbo rolar

(71) gĩr vỹ pó tĩn
 menino ms pedra rolar (pas.)
 “O menino rolou a pedra”.

(72) pó vỹ tĩr
 pedra ms rolar (pas.)
 “A pedra rolou”.

O verbo “rolar” apresenta a forma “tĩn” na oração transitiva causativa e a forma “tĩr” na oração inacusativa.

Verbo abrir

(73) gĩr vỹ jãnkã nón
 menino ms porta abrir (pas.)
 “O menino abriu a porta.”

(74) jãnkã vỹ nor
 porta ms abrir (pas.)
 “A porta abriu”.

Na oração transitiva causativa a forma do verbo “abrir” é “nón” e na oração inacusativa é “nor”.

Mesmo quando o sujeito é preenchido por um instrumento, a forma do verbo é a mesma da oração que apresenta um argumento agente:

(75) chave vỹ jãnkã nón
 chave ms porta abrir (pas.)
 “A chave abriu a porta.”

Verbo rasgar

(76) gĩr vỹ inh tēja jãn
 menino ms p.p.1ªp. rede rasgar (pas.)
 “O menino rasgou minha rede”.

(77) inh tēja vỹ jar
 p.p.1ªp. rede ms rasgar (pas.)
 “Minha rede rasgou”.

Como se pode observar, a forma do verbo “rasgar” na oração transitiva causativa é “jãn” e na oração inacusativa é “jar”.

Um exemplo interessante de alternância causativa acontece com o verbo “matar” e “morrer”. O kaingang emprega dois verbos distintos com o significado de “matar”: o verbo “tãnh” indica matar a pauladas e o verbo “tén” significa matar ou embebedar. Ambas as formas têm como correspondente não causativo o verbo “ter” (morrer). Pode-se dizer que os verbos “tén” e “ter” são, na verdade, um único verbo que significa “cessar a vida” porque têm a mesma raiz, o primeiro indica a presença de um argumento agente, portanto ocorre em oração transitiva causativa; e o segundo tem como sujeito sintático o objeto nocional do primeiro, portanto é um verbo inacusativo. Exemplos:

(78) veneno vỹ mĩg tén
 veneno ms onça matar (pas.)
 “Um veneno matou a onça”.

(79) mĩg vỹ ter
 onça ms morrer (pas.)
 “A onça morreu”.

A relação entre “tãnh” e “ter” será tratada na seção 5.3.1.

Outro exemplo interessante de alternância causativa ocorre com o verbo “cair”. Há dois verbos “cair” na língua kaingang: o verbo “to hé” que significa estar em pé no chão e cair e o verbo “ku tẽ” que significa cair de um lugar alto. Ambos os verbos têm como causativo o verbo “kutẽm” que significa “derrubar”. É possível dizer que “ku tẽ” e “kutẽm” participam da alternância causativa porque a construção com o primeiro indica “cair” com a presença de um agente e a construção com o segundo indica “cair” sem a presença do mesmo. Exemplos:

(80) Nẽko vỹ gĩr kutẽm
 Manoel ms menino derrubar (pas.)
 “Manoel derrubou o menino”.

(81) gĩr vỹ ku tẽ
 menino ms cair (pas.)
 “O menino caiu”.

Como se pode observar nos exemplos acima, na oração transitiva causativa a forma do verbo é “kutẽm” e, na oração inacusativa, a forma é “ku tẽ”. Trata-se, portanto, de um mesmo verbo que sofre uma mudança morfológica representada pela perda de “-m” na oração inacusativa. A relação entre “to hé” e “kutẽm” será tratada na seção 5.3.1.

As orações acima participam da alternância causativa e todos os verbos apresentados apresentam uma mudança morfológica na variante inacusativa. O quadro a seguir mostra a forma dos verbos nas orações transitivas causativas e nas orações inacusativas derivadas:

Verbo	Oração Transitiva Causativa	Oração Inacusativa
quebrar vidro	gãm	góv
fechar	nĩfénh	nĩfe
esfriar	kusãg	kusa
quebrar	mranh	mráj
rachar	ryg	rug ké (partir uma vez)
acordar	rĩn	rĩr
queimar	pũn	pũr
rolar	tĩn	tĩr
abrir	nón	nór
rasgar	jãn	jar
matar/morrer (cessar a vida)	ten	ter
derrubar/cair	kutēm	ku tẽ

Alguns verbos que também participam da alternância causativa não apresentaram mudança morfológica na oração inacusativa:

(82) ũn gré vỹ kakénh tỹ virn ké
 homem ms canoa ? virar (pas.)
 “O homem virou o barco”.

(83) kakénh vỹ virn ké
 canoa ms virar (pas.)
 “O barco virou”.

É possível observar que o verbo “virar” apresenta a mesma forma “virn ké” tanto na oração transitiva causativa quanto na inacusativa. (Não achei estas formas no dicionário, mas encontrei estas: “vĩrĩn – v.i.sg. virar” e “virĩn ké – v.i. virar”)

O mesmo ocorre com o verbo “parar” como se pode notar abaixo:

(84) kamĩjũ vóg tĩ vỹ, kamĩjũ tỹ krỹg hé
 caminhão motorista ms caminhão ? parar (pas.)
 “O motorista parou o caminhão”.

(85) kamĩjũ vỹ krỹg hé
 caminhão ms parar (pas.)
 “O caminhão parou”.

A forma do verbo “parar” é “krỹg hé” em ambas as construções.

5.3.1.1.1 Similaridade entre Construções Inacusativas e Passivas

A passiva, segundo Comrie (1985), também é um tipo de construção de diminuição de valência que envolve o sujeito. O sujeito da construção passiva é o objeto do verbo transitivo. Este tipo de construção ocorre na língua kaingang como se pode observar a seguir:

(86) - oração ativa: gĩr vỹ pratu gãm
 menino ms prato quebrar vidro
 “O menino quebrou o prato”.

(87) - oração passiva: pratu vỹ gĩr mỹ góv
 prato ms menino para quebrar
 “O prato foi quebrado pelo menino”.

Como se pode observar no exemplo (87), em kaingang não ocorre locução verbal na passiva como em português. Na construção passiva, o paciente

ocupa a posição de sujeito e o verbo aparece na mesma forma usada na oração inacusativa como no exemplo (58).

É provável que a língua kaingang utilize o mesmo processo de mudança morfológica do verbo para a oração passiva e inacusativa. De acordo com Comrie (1985) e Duarte (2003), as duas construções são similares porque têm como sujeito o objeto do verbo transitivo. A diferença entre elas é que, na passiva, há um sintagma agentivo mesmo que não esteja expresso e a construção inacusativa refere-se a um evento espontâneo.

Com os verbos “rasgar” e “fechar” é possível notar que, na oração passiva, os verbos apresentam a mesma forma usada na construção inacusativa (contraste (89) com (77) e (90) com (60)).

(88) - oração ativa: gĩr vỹ teja jãn
 menino ms rede rasgar (pas.)
 “O menino rasgou a rede”.

(89) - oração passiva: tēja vỹ gĩr mỹ jar
 rede ms menino para rasgar
 “A rede foi rasgada pelo menino”.

(90) – oração ativa: gĩr vỹ jankã nĩfénh é
 menino ms porta fechar (pas.) (?)
 “O menino fechou a porta.”

(91) – oração passiva: jankã vỹ gĩr mỹ nĩfe é
 porta ms menino para fechar ?
 “A porta foi fechada pelo menino”.

5.3.1.2 Oração com Verbo Recíproco

Segundo Comrie (1985), na construção de uma oração que usa um verbo recíproco ocorre diminuição de valência envolvendo o sujeito. O sujeito e o objeto direto do verbo transitivo são combinados formando um único sujeito na oração com verbo recíproco. Ocorre, assim, a redução de valência da construção transitiva para a intransitiva.

A língua kaingang não apresenta nenhuma modificação morfológica no verbo para marcar este tipo de derivação, como se pode observar nos exemplos abaixo:

(92) Manoel vỹ Jandira fi ka to tẽ

Manoel ms Jandira fem. encontrar (pas.)

“Manoel encontrou Jandira”.

(93) Manoel mré Jandira fag vỹ jagnẽ ka to tẽ

Manoel com Jandira fem. + pl. ms reflex. encontrar (pas.)

“Manoel e Jandira se encontraram”.

É possível notar que a forma do verbo encontrar - “ka to tẽ” - é a mesma na oração transitiva e na intransitiva. Para marcar a reciprocidade do verbo é usada a partícula “jagnẽ”. Este tipo de construção em kaingang é semelhante à construção do português, ou seja, não há mudança morfológica na forma do verbo na oração intransitiva com verbo recíproco e para indicar a reciprocidade há a ocorrência de uma partícula reflexiva.

O mesmo tipo de construção ocorre nos exemplos abaixo:

(94) gĩr nỹ fi vỹ ti ka to tẽ

menino mãe fem. ms ele encontrar (pas.)

“A mãe encontrou o menino”.

- (95) gĩr nỹ fi mré ti jagně ka to tẽ
 menino mãe fem. com ele reflex. encontrar (pas.)
 “O menino e a mãe se encontraram”.

É interessante notar que a língua kaingang comporta-se diferentemente das línguas descritas por Comrie que apresentam mudança morfológica no verbo da construção intransitiva para indicar a reciprocidade, como o exemplo turco apresentado em 4.1.2.1.2:

- (25) “a. Anton vstretil Ninu”
 ‘Antônio encontrou Nina’

 “b. Anton i Nina vstretili-s’
 ‘Antônio e Nina se encontraram.’

5.3.1.3 Oração com Verbo Reflexivo

De acordo com o que foi exposto na seção 4.1.2.1.3, na oração reflexiva o sujeito e o objeto se referem à mesma pessoa. Lyons (1979) registra que a identidade do sujeito e a do objeto são marcadas com o uso de um pronome ou por prefixo, sufixo ou infixo ligado ao tema verbal. Segundo Comrie (1985), o verbo reflexivo é formado do verbo não reflexivo que possui sujeito e objeto distintos. Na construção com verbo reflexivo, somente o sujeito é expresso e o afixo indica que o sujeito funciona igualmente como o objeto.

Em kaingang, a construção reflexiva apresenta o pronome reflexivo “vẽnh” (de si mesmo) que indica que o sujeito funciona igualmente como o objeto direto do verbo não reflexivo. Exemplo:

- (96) Jandira fi vỹ gĩr ku pé
 Jandira fem. ms menino lavar (pas.) (no dicionário encontrei: kupe)
 “Jandira lavou o menino”.

- (97) gĩr vỹ vẽnĥ ku pé
 menino ms reflex. lavar (pas.)
 “O menino se lavou”.

Como se pode notar, a forma do verbo “lavar” não sofre modificação morfológica na oração reflexiva. Para indicar que o sujeito da reflexiva é o objeto da transitiva, a língua emprega o pronome reflexivo “vẽnĥ”. O mesmo ocorre com o verbo “pentear”:

- (98) Margarida fi gĩr rem
 Margarida fem. menino pentear (pas.)
 “Margarida penteou o menino”

- (99) gĩr vỹ vẽnĥ rem
 menino ms reflex. pentear (pas.)
 “O menino se penteou”.

Nos exemplos acima, é possível verificar que a língua kaingang comporta-se diferentemente das línguas descritas por Comrie (1985), pois não há acréscimo de um afixo ao verbo derivado, como pode ser constatado no exemplo russo que utiliza sufixo no verbo derivado. Exemplo:

- (27) “a. Mat’ pomyla rebenka”
 ‘A mãe lavou a criança’

 “b. Rebenok pomyl-sja”
 ‘A criança lavou-se.’

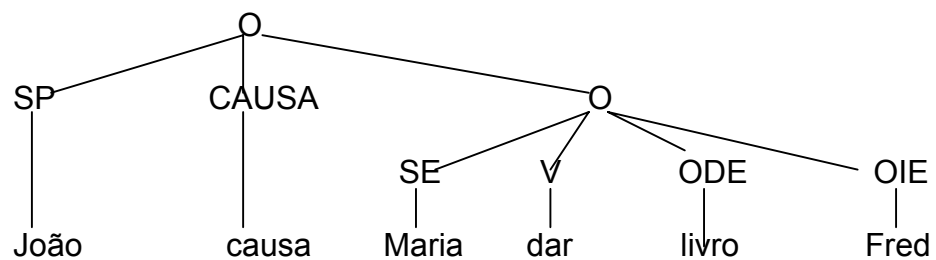
5.4 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

5.4.1 Causativos Morfológicos, Analíticos e Lexicais em Kaingang

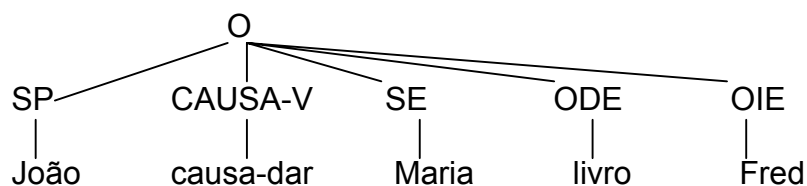
No capítulo 3, apresentei os três tipos causativos segundo a classificação de Comrie (1985): morfológicos, analíticos e lexicais. Estes três tipos envolvem um aumento de valência na formação da construção causativa pelo acréscimo do argumento “causer”. O sujeito da oração não causativa correspondente é o argumento “causee” da construção causativa.

O causativo morfológico indica que o verbo sofre um processo derivacional (geralmente o acréscimo de um afixo) para expressar a idéia de causa. O causativo lexical apresenta um item lexical diferente para indicar a situação causativa e, no causativo analítico, há o acréscimo de um predicado para expressar a causa.

O causativo analítico representa a primeira estrutura apresentada em 4.2:



O causativo morfológico representa a segunda estrutura na maioria das línguas que Comrie descreveu:



Os verbos que participam da alternância causativa encaixam-se no causativo morfológico, pois há mudança morfológica na forma do verbo da oração inacusativa em relação à forma do verbo da oração transitiva causativa.

De acordo com o que foi exposto na seção 5.3.1.1, a língua kaingang tem dois verbos distintos com significado de “matar” e “cair”. As formas “tén”/“ter” e “kutēm”/“ku tẽ” participam da alternância causativa e são exemplos de causativos morfológicos.

O verbo “tãnh” (matar a pauladas) é um exemplo de causativo lexical em kaingang porque é um item lexical completamente diferente de “ter” (morrer) que é um verbo não causativo. Exemplo:

(79) mĩg vỹ ter
 onça ms morrer (pas.)
 “A onça morreu”.

(100) ěg krėnh tĩ vỹ mĩg tãnh
 caçador ms onça matar (pas.) (a pauladas)
 “O caçador matou a onça”.

Como se pode observar nos exemplos acima, na oração transitiva foi usado um item lexical “tãnh” diferente de “ter” para expressar a idéia de causatividade.

O verbo “kutēm” é um exemplo de causativo lexical na relação com o verbo “to hé” (estar de pé no chão e cair) que é um verbo não causativo conforme se verifica nos exemplos abaixo:

(101) gĩr vỹ to hé
 menino ms cair (pas.)
 “O menino caiu”.

(80) Nėko vỹ gĩr kutēm
 Manoel ms menino derrubar (pas.)
 “Manoel derrubou o menino”.

O verbo empregado na oração (101) indica que o menino estava em pé no chão e caiu. Na oração causativa correspondente foi utilizado um item lexical diferente para expressar a idéia de causa.

Com base nos exemplos (78)/(79) e (80)/(81) é possível dizer que, na relação “tén”/”ter” e “kutēm”/”kutě”, ocorre causativo morfológico, e, na relação “tānh”/”ter” e “kutēm”/”to hé”, ocorre causativo lexical, conforme se pode verificar nos exemplos (79)/(100) e (101)/(80).

Quanto à formação de orações causativas derivadas de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos, minha hipótese era de que a língua kaingang apresentasse causativo morfológico, mas ela não se confirmou, como será apresentado nas seções seguintes, pois a língua apresenta causativo analítico.

5.4.1.1 Causativos Formados de Verbos Intransitivos em Kaingang

É possível construir uma oração causativa derivada de um verbo intransitivo. De acordo com Comrie (1985), o sujeito da oração intransitiva passa a objeto direto da oração causativa porque a posição de sujeito será ocupada pelo “causer”. O objeto direto na oração causativa assume a função de “causee”. Esta hierarquia acontece na maioria das línguas descritas pelo autor, porém algumas, como foi apresentado no capítulo 4, fazem a duplicação de algum constituinte.

A língua kaingang, neste tipo de estrutura, não apresenta causativo morfológico como nas línguas descritas por Comrie. Em kaingang, ocorre o causativo analítico constituído de uma oração principal com o verbo causativo “fazer” e uma subordinada que preenche o lugar do objeto direto, portanto é uma oração subordinada objetiva direta.

Abaixo apresento exemplos de orações causativas do kaingang derivadas de verbos intransitivos. Nas orações derivadas, as subordinadas estão em negrito.

Verbo voar

(102) sēsĩ vỹ tẽ
 passarinho ms voar (pas.)
 “O pássaro voou.”

(103) Něko vỹ **sēsĩ** **tẽ** han
 Manoel ms passarinho voar fazer (pas.)
 “Manoel fez o pássaro voar.”

É possível observar que, na oração derivada, há o acréscimo do “causer” representado pelo sintagma nominal “Něko vỹ” que ocupa a posição de sujeito da oração principal. O “causee” representado por “sēsĩ” ocupa a posição de sujeito da oração subordinada. Esta oração ocupa a posição de objeto direto, por isso ocorre antes do verbo da oração principal – “han”. Como se pode observar, a forma do verbo na oração intransitiva é a mesma na oração derivada.

Verbo dormir

(104) gĩr vỹ nũr
 menino ms dormir (pas.)
 “O menino dormiu”.

(105) gĩr nỹ fi vỹ **ti** **nũr** han
 menino mãe fem. ms ele dormir fazer (pas.)
 “A mãe fez o menino dormir”.

Como ressaltado na seção 5.3.1.1, na posição de objeto o sintagma “gĩr” é representado pelo pronome “ti” e o sintagma “gĩr nỹ fi vỹ” é interpretado como “a mãe do menino”.

Na oração causativa derivada do verbo “dormir”, o “causer” ocupa a posição de sujeito da oração principal (gĩr nỹ fi vỹ) e o “causee” ocupa a posição de

sujeito da oração subordinada (ti). Assim, como no exemplo com o verbo “voar”, a oração subordinada ocupa a posição de objeto direto do verbo “fazer”. Todas as orações subordinadas apresentadas abaixo ocupam esta posição já que o verbo da oração principal é transitivo direto.

Verbo ir

De acordo com Comrie, também é possível construir uma oração causativa derivada de um verbo intransitivo com objeto ‘locativo’.

(106) gĩr vỹ vēnh rán jǎfǎ ra vyr
 menino ms escola para foi (pas.)
 “O menino foi para a escola”.

(107) gĩr jóg vỹ ti tỹ vēnh rán jǎfǎ ra tĩn han
 menino pai ms ele ind. erg. escola para fazer andar fazer (pas.)
 “O pai fez o menino ir para a escola”.

A oração derivada do verbo “ir” apresenta estrutura um pouco mais complexa em relação às derivadas dos outros verbos intransitivos apresentados. Como este verbo apresenta um objeto ‘locativo’, supõe-se que na língua kaingang ele seja considerado um verbo transitivo, portanto na oração subordinada ocorre a partícula “tỹ” que funciona como marcador de sujeito ergativo. Na oração derivada, o “causer” ocupa a posição de sujeito da principal e o “causee” a posição de sujeito da oração subordinada. O sintagma que funciona como “causer” pode ser interpretado como “o pai do menino”.

5.4.1.2 Causativos Formados de Verbos Monotransitivos em Kaingang

Na formação de uma oração causativa formada de um verbo transitivo, Comrie (1985) diz que o objeto direto do verbo básico continua nesta posição na oração causativa derivada e o “causee” ocupa a posição de objeto indireto já que a posição de sujeito já é ocupada pelo “causer”. Como na língua

kaingang o causativo derivado de verbo transitivo é analítico, a construção derivada é formada por uma oração principal e uma subordinada. A estrutura é a mesma das orações formadas de verbos intransitivos, com o acréscimo, porém, da partícula “tỹ” que funciona como marcador de sujeito ergativo, já que a oração subordinada é transitiva.

Verbo beber

(108) gĩr vỹ gój kron
 menino ms água beber (pas.)
 “O menino bebeu água”.

(109) gĩr nỹ fi vỹ, **ti tỹ** goj kron han
 menino mãe fem. ms ele ind. erg. água beber fazer (pas.)
 “A mãe fez o menino beber água”.

Nota-se, no exemplo (109), que o “causer” ocupa a posição de sujeito da oração principal (este sintagma deve ser interpretado como “a mãe do menino”) e o “causee” (ti) a posição de sujeito da subordinada substantiva objetiva direta. O objeto direto da oração básica permanece na mesma posição na oração subordinada. Os verbos “comer”, “rasgar” e “fechar” apresentados abaixo também apresentam a mesma estrutura.

Verbo comer

(110) gĩr vỹ manỹnỹ kó
 menino ms banana comer (pas.)
 “O menino comeu banana”.

(111) gĩr nỹ fi vỹ **ti tỹ** manỹnỹ kó han
 menino mãe fem. ms ele ind. erg. banana comer fazer (pas.)
 “A mãe fez o menino comer banana”.

No exemplo (111), o “causer” ocupa a posição de sujeito da oração principal e o “causee” a posição de sujeito da oração subordinada.

Verbo fechar

(112) gĩr vỹ jãnkã nĩfénh
 menino ms porta fechar (pas.)
 “O menino fechou a porta”.

(113) gĩr nỹ fi vỹ ti tỹ jãnkã nĩfénh han
 menino mãe fem. ms ele ind. erg. porta fechar fazer (pas.)
 “A mãe fez o menino fechar a porta”.

Na oração derivada, o “causer” ocupa a posição de sujeito da oração principal e o “causee” a posição de sujeito da oração subordinada.

Verbo rasgar

(114) gĩr vỹ teja jãn
 menino ms rede rasgar (pas.)
 “O menino rasgou a rede”.

(115) gĩr nỹ fi ti tỹ téja jãn han
 menino mãe fem. ele ind. erg. rede rasgar fazer (pas.)
 “A mãe fez o menino rasgar a rede”.

Como se pode observar na oração (115), o “causer” ocupa a posição de sujeito da oração principal e o “causee” a posição de sujeito da oração subordinada.

5.4.1.3 Causativos Formados de Verbos Ditransitivos em Kaingang

Os verbos ditransitivos admitem um objeto indireto. Segundo Comrie (1985), quando o causativo é formado de um verbo ditransitivo, o “causee” aparece, preferencialmente, como algum constituinte oblíquo já que a posição de sujeito será ocupada pelo “causer”, a de objeto direto pelo objeto direto da oração não causativa e a posição de objeto indireto será ocupada pelo objeto indireto da oração não causativa.

Em kaingang, a formação de uma oração causativa formada de um verbo ditransitivo apresenta a mesma estrutura da oração formada de um verbo monotransitivo. Há, no entanto, o acréscimo do objeto indireto, que aparece depois do objeto direto na oração subordinada.

Verbo dar

(116) Jandira fi gĩr mĩ vėjẽn nĩm

Jandira fem. menino para comida dar uma coisa não comprida (pas.)

“Jandira deu comida para o menino”.

(117) Nẽko vỹ **Jandira fi tỹ gĩr mĩ vėjẽn nĩm** han

Manoel ms Jandira fem. ind. erg menino para comida dar fazer (pas.)

“Manoel fez Jandira dar comida para o menino”.

Na oração derivada, o “causer” ocupa a posição de sujeito da oração principal e o “causee” ocupa a posição de sujeito da subordinada. O objeto direto e o indireto da oração básica permanecem na mesma posição na oração subordinada. A mesma estrutura ocorre com o verbo “contar” como poderá ser verificado abaixo.

Verbo contar

(118) Professor vỹ gĩr mỹ vẽn h rá tugtó

Professor ms menino para livro contar/ dizer (pas.)

“O professor leu o livro para o menino”.

(119) Nẽko vỹ **professor tỹ gĩr mỹ vẽn h rá tugtó** han

Manoel ms professor ind. erg. menino para livro contar fazer (pas.)

“Manoel fez o professor ler o livro para o menino”.

Com relação aos causativos formados de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos em kaingang é possível concluir que: (a) ocorre causativo analítico já que a construção derivada apresenta uma oração principal com o verbo causativo “fazer” e uma subordinada que funciona como objeto deste verbo; (b) a forma do verbo da oração básica permanece a mesma na oração derivada como se pode constatar nos exemplos de (102) a (119); (c) o “causer” ocupa a posição de sujeito da oração principal e o “causee” a posição de sujeito da oração subordinada e tanto o objeto direto quanto o objeto indireto da oração básica permanecem na mesma posição na oração subordinada; (d) quando a oração é derivada de verbo monotransitivo e ditransitivo ocorre a partícula “tỹ” para marcar o sujeito da subordinada, como pode ser constatado por meio dos exemplos (109), (111), (113), (115), (117) e (119).

Os quadros abaixo representam as construções causativas formadas de intransitivos, monotransitivos e ditransitivos:

a)

Oração básica com verbo intransitivo	SUJEITO + vỹ + VERBO
--------------------------------------	----------------------

Oração causativa derivada	Principal	Subordinada	Principal
	SUJ + vỹ (causer)	SUJ + VERBO (Causee)	VERBO “FAZER”

b)

Oração básica com verbo monotransitivo	SUJEITO + vỹ + OBJ. DIR. + VERBO
--	----------------------------------

Oração causativa derivada	Principal	Subordinada	Principal
	SUJ + vỹ (causer)	SUJ + tỹ + OBJ. DIR. + VERBO (Causee)	VERBO “FAZER”

c)

Oração básica com verbo ditransitivo	SUJEITO + vỹ + OBJ. IND. + OBJ. DIR. + VERBO
--------------------------------------	--

Oração causativa derivada	Principal	Subordinada	Principal
	SUJ + vỹ (causer)	SUJ+ tỹ + OBJ. IND.+ OBJ. DIR. + VERBO (Causee)	VERBO “FAZER”

É interessante notar que a língua kaingang é semelhante ao português na formação de orações causativas derivadas de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos, pois ambas as línguas apresentam causativo analítico e se diferenciam das línguas descritas por Comrie.

Assim como o português, o kaingang não forma uma oração simples, mas sim um período composto constituído de uma oração principal com o verbo “fazer” mais a subordinada que ocupa o lugar do objeto direto, mas há a marcação de ergativo para o sujeito da oração subordinada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi descrever a formação das construções causativas da língua kaingang. Antes de elaborar o conjunto de dados para coleta, fiz uma pesquisa bibliográfica para me aprofundar no assunto. Achei oportuno fazer uma abordagem da noção de transitividade e da classificação dos verbos que muito contribuiu com meu conhecimento, pois descobri que a noção de transitividade e a noção de intransitividade abrangem muitos conceitos não tratados pelas gramáticas tradicionais, como, por exemplo, o fato de haver dois tipos de verbos intransitivos.

Ao estudar os dois tipos de verbos intransitivos, descobri que estes são divididos em duas classes: os verbos inergativos e inacusativos. Há dois tipos de inacusativos: os que denotam mudança de estado ou localização, dentro os quais encontram-se os verbos de alternância causativa, e os que expressam existência e aparição. Aprofundei-me na pesquisa dos verbos de alternância causativa devido ao fato deles apresentarem uma variante causativa transitiva e uma variante não causativa inacusativa.

Os verbos que constam das orações que analisei na minha monografia de Especialização são de alternância causativa. Constatei que ocorre uma mudança na forma do verbo de uma oração para outra e este fato motivou a minha pesquisa no Mestrado, portanto fiz a coleta de mais orações com verbos deste tipo.

Ao analisá-los, constatei que ocorre um padrão de mudança morfológica na maioria deles: na variante causativa transitiva apresentam final “-n” e na variante não causativa inacusativa apresentam final “-r”. Devido ao fato de ocorrer esta mudança, considere-os como exemplos de causativos morfológicos.

Para descrever o processo de formação das construções causativas, me apoiei principalmente na abordagem teórica de Comrie (1976 e 1985). De acordo com ele as construções causativas são formadas pelo aumento de valência do verbo não causativo que se caracteriza pelo acréscimo do argumento que funciona como “causer”. O autor apresenta antes as construções formadas pela diminuição de valência envolvendo o sujeito que resultam em orações anticausativas, recíprocas e reflexivas.

A maioria das línguas descritas pelo autor apresenta uma mudança morfológica na forma do verbo da oração derivada manifestada pelo emprego de um afixo. Geralmente, um mesmo afixo é usado nas três construções. Na descrição da formação destas orações, Comrie abordou também a similaridade entre construções inacusativas e passivas. Em kaingang, constatei que ocorre mudança morfológica nas variantes não causativas inacusativas dos verbos de alternância causativa, como demonstrado acima, verifiquei também que a construção passiva não apresenta locução verbal e se caracteriza pelo emprego do verbo na forma inacusativa e o uso da partícula “mỹ”. Quanto às construções com verbos recíprocos e reflexivos, constatei que não ocorre mudança na forma do verbo da oração derivada. A partícula “jagně” marca a reciprocidade do verbo e na construção reflexiva, e o pronome reflexivo “věnh” indica que o sujeito funciona igualmente como o objeto direto do verbo não reflexivo.

Com relação às construções causativas, Comrie (1985) discorre sobre os causativos morfológicos, analíticos e lexicais e sobre a formação de orações causativas formadas de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos.

Conforme o exposto acima, os verbos que participam da alternância causativa são exemplos de causativo morfológico. A língua apresenta dois verbos com o sentido de “matar” e dois com o sentido de “cair”. Ao analisar as orações construídas com estes verbos, constatei que “tén” (matar) com relação ao verbo “ter” (morrer) é um exemplo de causativo morfológico, assim como o verbo “kutěm” (derrubar) relacionado com o verbo “ku tě” (cair do alto); o verbo “tănh (matar a pauladas) relacionado ao verbo “ter” é exemplo de causativo lexical, da mesma forma que “kutěm” relacionado com o verbo “to hé” (cair estando no chão).

As construções causativas formadas de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos são exemplos de causativos analíticos. Na construção derivada, a oração básica ocupa a posição de objeto direto, o “causer” a posição de sujeito da principal e o “causee” a posição de sujeito da subordinada, o objeto direto e o indireto da oração básica permanecem na mesma posição na oração subordinada. O sujeito da subordinada (“causee”) é marcado com a partícula “tỹ” (marcador de sujeito ergativo) quando o verbo da oração é monotransitivo ou ditransitivo.

Neste trabalho procurei descrever as construções causativas da língua kaingang com base no referencial teórico sobre causatividade. Quando se

trabalha com a descrição de uma língua, acredito que nenhuma análise é definitiva. Por experiência, sei que um pesquisador nunca considera um trabalho como acabado, pois, a cada nova leitura, surge um ponto que precisa ser investigado melhor ou tratado de outra forma.

Acredito que um pesquisador não pode chegar a nenhuma conclusão sozinho, por isso considero de grande valor as contribuições feitas pelo orientador que, na verdade, é um co-autor.

Espero que esta dissertação contribua na descrição da língua kaingang e sirva como fonte para trabalhos comparativos das línguas Jê. Fica aqui aberta a possibilidade de outros pesquisadores da língua kaingang aprofundarem a descrição e análise das construções causativas abordadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ABREU, Emília R. R. Os Pronomes e a Estrutura Frasal em Kaingang. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ – CELLIP, 12, 2005, Guarapuava. No prelo.

ALMEIDA, Leriana de; SANTOS, Ludoviko. A concordância de Número em Kaingang. In: IV ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS MACRO-JÊ, 2005, Recife.

ARRAIS, Telmo Correia. As construções causativas em português. **Alfa**, São Paulo, 29: 41-58, 1985.

BALDUS, Herbert. Vocabulário Zoológico Kaingáng. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 6: 149 – 161.

BITTENCOURT, Vanda de O. A Questão da Transitividade das Estruturas Causativas Sintéticas do Português. **Letras & Letras**, Uberlândia 3 (2), p. 169 – 182, dez., 1987.

BORBA, Francisco S. **Uma gramática de valência para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

CAMPOS, Héctor. Transitividad e intransitividad. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Dir.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**: Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales e modales. Madrid: Espasa, 1999. v.2, p 1519-1574.

CAVALCANTE, Marita P. **Fonologia e Morfologia da língua Kaingáng**: o Dialeto de São Paulo Comparado ao do Paraná. 1987. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

COMRIE, Bernard. The Syntax of Causative Constructions: Cross Language Similarities and Divergences. In: SHIBATANI, M (Ed.). **Syntax and Semantics: The Grammar of Causative Constructions**. New York: Academic Press, 1976. v. 6, p. 261-312.

_____. Causative verbs and valency change. In: SHOPEN, Thimoty. **Language typology and syntactic description**: Grammatical categories and the lexicon. New York. Cambridge University Press, 1985. v. 3, p. 309 - 348.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Ergatividade no Kaingang? In: I ENCONTRO DO CELSUL – GT 'ESTUDOS KAIKANG'. Florianópolis, UFSC, 1995a.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha; CUNHA, Carla Maria; RODRIGUES, Aryon D. (Orgs.). **Bibliografia das Línguas Jê**. Campinas: DL/IEL/Unicamp, 2002.

DOURADO, Luciana. Construções com Predicados Complexos em Panará (Jê). In: SANTOS, Ludoviko; PONTES, Ismael (Orgs.) **Línguas Jê: Estudos Vários**. Londrina: Ed. UEL, 2002. p. 41 – 55.

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, Maria Helena M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003. 5. ed., p. 507 – 548.

HASPELMATH, Martin; MÜLLER-BARDEY, Thomas. Valency change. In: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim (Edts.). **Morphology: A Handbook on Inflection and Word Formation**. Berlin: de Gruyter, 2004. v.2, p. 1130-1145.

_____. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Maria Helena M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003. 5. ed., p. 275 – 321.

FLORIANA, Frei Mansueto B. de Val. Ensaio de grammatica kainjang. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, 1918. 10: 531 – 563.

_____. **Dicionários Kainjang - Portuguez e Portuguez – Kainjang**. Curitiba: Museu Paranaense, 1920.

GRUPO M'IG (UEL/FUNAI). **Relatório de Pesquisa Realizada Junto as Escolas das Áreas Indígenas do Norte do Paraná**. Londrina, 1996.

GUÉRIOS, Rosário F. M. Estudos sobre a Língua Caingangue. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1942. 2: 97 – 178.

_____. O Xokrén é idioma Caingangue. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba. 1945. v.4, p. 321-331.

HERNANZ, M. Lluïsa. El infinitivo. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Dir.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española: Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales e modales.** Madrid: Espasa, 1999. v.2, p 1575 -1630.

LYONS. Jonh. **Introdução à Língua Teórica.** Trad. De Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1979.

MAIER, Nicole. Causatives in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Lingüísticos.** Campinas, (33), p. 83 – 96, jul./dez. 1997.

MENDIKOETXEA, Amaya. Construcciones inacusativas y pasivas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Dir.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española: Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales e modales.** Madrid: Espasa, 1999. v.2, p. 1575 -1630.

MOTA, Lúcio T. **As Guerras dos Índios Kaingang:** A história épica dos índios kaingang no Paraná (1769 – 1924). Maringá: EDUEM, 1994.

MULLEN, Paul. Verb pluralization in Kaingáng. **Arquivo Lingüístico.** Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL). n.159, 1966. Cópia em microficha no CEDAE-IEL-Unicamp.

NASCIMENTO, Silvia Helena L. do. **Aspectos morfossintáticos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingáng.** 1995a. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Marcação de caso em Kaingáng (Jê). In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 1996, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa. p. 540-550.

OLIVEIRA, Marlene. **Da Taquara ao Cesto:** A Arte Gráfica Kaingáng. 1996. 88 p. Monografia (Especialização em Sociologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SANTOS, Ludoviko. Elementos de Pesquisa: A Descrição de Línguas Indígenas. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ – CELLIP, 7, 1994, Paranaíba. **Anais...** Paranaíba, 1994. p 555 – 558.

_____. **Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá Família Jê.** 1997. Tese. Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTOS, Ludoviko; PONTES, Ismael. **Abordagem do Nível Morfossintático da Língua Kaingáng sob o Ponto de Vista do Funcionalismo Givoniano**. Projeto de Pesquisa: Universidade Estadual de Londrina. CPG – 37122/97.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá**: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo, Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, Célia R. **História Crítica da Construção da Escrita do Kaingáng**. 1996. 109 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TABOSA, Luciana P. **Descrição Preliminar dos Pronomes Possessivos da Língua Kaingang**. 2002. 47 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. Variação das formas do plural e do singular nos Verbos do Kaingang. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS – O DESAFIO DAS LETRAS, 2., 2004, Rolândia. **Anais...** Rolândia, 2005. 1 CD Rom.

_____. Descrição preliminar dos Pronomes Possessivos da língua kaingang. In: IV SELISIGNO – SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO E IV SIMPÓSIO DE LEITURA DA UEL, 2004, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. 1 CD Rom.

_____. Hipótese de causatividade na mudança da forma verbal na língua kaingang. **Entretexos**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, v. 5, p. 287-295, jan./dez. 2005.

_____. Variação da Forma Verbal na Língua Kaingang: Causatividade. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ – CELLIP, 12, 2005, Guarapuava. No prelo.

TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, Thimoty. **Language typology and syntactic description**: Grammatical categories and the lexicon. New york. Cambridge University Press, 1985. v. 3, p. 57 - 149.

TOMMASINO, Kimiye. **A História dos Kaingáng da Bacia do Tibagi: Uma Sociedade Jê Meridional em Movimento**. 1995. 348 p. Tese (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

VEIGA, Juracilda. **Organização Social e Cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco e nomenclatura em uma sociedade Jê Meridional**. 1994. 221 p. Dissertação (Mestrado – Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VILELA, Mário. **Gramática de Valências: Teoria e Aplicação**. Coimbra: Livraria Almeida, 1992.

_____. **Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingang**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1971.

WIESEMANN, Úrsula. **Die phonologissche und Grammatische Struktur der Kaingáng – Sprache**. Mouton. SIL, 1972.

_____. **Kaingang – Potuguês Dicionário Bilingüe**. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2002.